

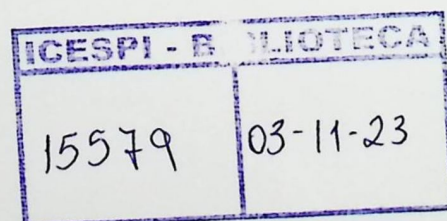
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
ICESPI

Aureliano Torres Paula

A METAFÍSICA DA LUZ EM SÃO BOAVENTURA

Teresina-PI

2021



AURELIANO TORRES PAULA

A METAFÍSICA DA LUZ EM SÃO BOAVENTURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador (a): P. Dr. Miguel Kleinhas, OFM.

Teresina-PI

2021

Aureliano Torres Paula

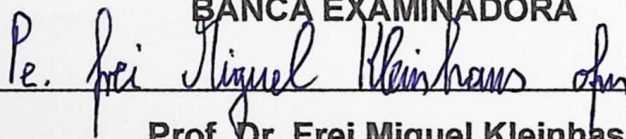
A METAFÍSICA DA LUZ EM SÃO BOAVENTURA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí, como
requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Filosofia.

Orientador (a): P. Dr. Miguel Kleinhas,
OFM.

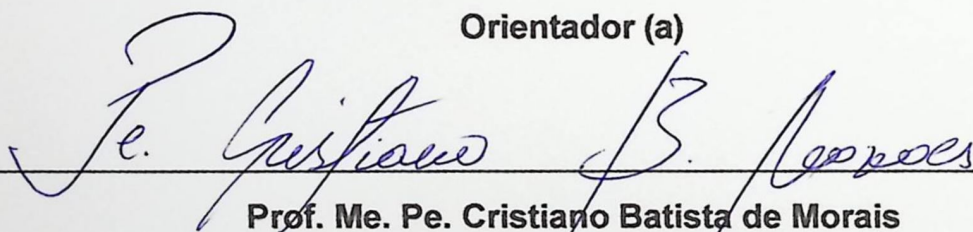
Aprovado em: 02 / 12 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Frei Miguel Kleinhas

Orientador (a)



Prof. Me. Pe. Cristiano Batista de Moraes

1º Examinador (a)

Prof. Esp. Glaucyane Mara de Sousa Kardoso

2º Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Senhor Deus por sua misericórdia e provisão ao longo da caminhada, por ter sido dada força para concluir o Curso e chegar ao destino.

Agradeço ao Senhor Deus por sua misericórdia, sempre ao meu lado, dando luz e direção para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A todos os professores que estiveram ao longo desta jornada, especialmente os que foram meus orientadores, agradeço por sua paciência e compreensão, e por terem sido uma grande ajuda durante esta caminhada.

Agradeço também ao Senhor Deus por sua misericórdia, por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus, e por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus.

Agradeço também ao Senhor Deus por sua misericórdia, por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus, e por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus.

Agradeço também ao Senhor Deus por sua misericórdia, por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus, e por ter me dado a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Senhor Deus.

Dedico este trabalho a Deus,
autor da minha vida e a minha mãe Ila
Maria Torres Paula.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, ao Senhor Deus, por sua bondade e iluminação ao longo da caminhada, por ter me dado forças para concluir o Curso e elaborar esse estudo.

À pessoa de Maria Santíssima, na qual sou muito devoto, atendeu ao meu pedido: muita luz e benção para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso.

A todos a pessoas que estiveram me orientando e fazendo indicações para tudo ocorrer com êxito e tranquilidade, pois é preciso ter firmeza naquilo que se almeja nos vários momentos de estudo de pesquisa.

Ao Instituto Católico de Ensino Superior do Piauí, em especial ao meu orientador P. Dr. Frei Miguel Kleinhans, OFM, pela sua disposição e atenção em repassar conhecimentos que foram essenciais nesse processo de aprendizagem e reflexão.

A minha genitora Ila Maria Torres Paula, por suas palavras de incentivo na longa caminhada de vida religiosa franciscana capuchinha.

A todos os envolvidos na realização desse sonho, jamais esquecerei dos momentos vivenciados. Agradeço de coração.

“Na profundidade do nosso ser está inscrita a memória do Criador.É precisamente porque esta memória está inscrita no nosso ser, podemos reconhecer o Criador na sua criação, recordar-nos, ver as suas pegadas neste cosmos criado por Ele.”(SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO).

RESUMO

Este estudo tem o objetivo abordar a importância da metafísica da luz de São Boaventura para a contemporaneidade, contempla nos objetivos específicos: considerar o propósito de São Boaventura, em relação ao limite e a possibilidade do conhecimento humano; evidenciar a contribuição filosófica do pensamento boaventuriano em relação aos diferentes tipos de conhecimento que a pessoa humana pode ter; demonstrar a relevância dos ensinamentos de São Boaventura sobre a metafísica da luz. Com procedimentos técnicos, associados a pesquisa bibliográfica com base em fontes bibliográficas. As considerações finais demonstram que a metafísica da luz em São Boaventura por meio do *Itinerarium Mentis in Deum*, o ser divino como o primeiro conhecido pelo fogo do Espírito Santo que Jesus Cristo, nasce da conexão entre memória e inteligência num significado transcendente de contornos de luz que cria a totalidade dos seres no alcance à Deus.

Palavras- Chave: São Boaventura. Teologia. Filosofia. Metafísica da Luz.

ABSTRACT

This study aims to address the importance of the metaphysics of São Boaventura's light for contemporaneity, contemplating the specific objectives: to consider the purpose of São Boaventura, in relation to the limit and possibility of human knowledge; highlight the philosophical contribution of Boaventurian thought in relation to the different types of knowledge that the human person can have; demonstrate the relevance of the teachings of St. Bonaventure on the metaphysics of light. With technical procedures, associated with bibliographic research based on bibliographic sources. The final considerations show that the metaphysics of light in São Boaventura through the *Itinerarium Mentis in Deum*, the divine being as the first known by the fire of the Holy Spirit Jesus Christ, is born from the connection between memory and intelligence in a transcendent meaning of light contours that creates the totality of beings in the attainment of God.

Keywords: St. Bonaventure. Theology. Philosophy. Metaphysics of Light.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	09
2. OS PROPÓSITOS DE SÃO BOAVENTURA.....	11
2.1 Boaventura de Bagnorégio (1221-1274)	11
2.2 Franciscano São Boaventura.....	18
3 PENSAMENTO BONAVENTURIANA: RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E FILOSOFIA.....	24
3.1 Processo de Conhecimento Humano para Boaventura.....	24
3.2 A Relação entre a Teologia e a Filosofia Boaventuriana.....	31
4. A METAFÍSICA DA LUZ EM SÃO BOAVENTURA.....	39
4.1 Pensamento Filosófico sobre a Metafísica.....	39
4.2. Metafísica em São Boaventura: <i>Itinerarium Mentis in Deum</i>	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERENCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O pensamento de Boaventura sobre a metafísica como causa suprema dos seres, onde para ele, Deus é o primeiro princípio e a plenitude fontal dos seres, e a luz divina pode ser constituída, mas não pode ser conhecida em si mesma, levantando o problema do acesso a realidade que fundamenta a existência de Deus nas relações entre os humanos em virtude da dificuldade do intelecto humano configurada na metafísica.

Assim, a abordagem desse estudo delimita-se na Metafísica da Luz de São Boaventura, em ponderação a presença da luz como chave interpretativa à recondução de todo o universo criado. Com interesse inquietante de aprofundar o conhecimento sobre o assunto tornou-se justificável nesse estudo, partindo da abordagem sobre a metafísica da luz justificada pela necessidade de compreensão pela via do intelecto para entender Deus como criador de tudo e de todos.

Torna-se relevante aprofundar o conhecimento com enfoque o pensamento de São Boaventura, considerando que o pensamento do filosófico e teológico sobre a criação e composição do mundo pela via da razão subordinada às explicações divinas.

A abordagem teórica contribuirá para a realidade reflexiva e prática, bem como, envolverá o espaço concreto da filosofia descrita sobre a metafísica da luz como horizonte basilar para instigar novos estudos, abordagens e pesquisas científicas a partir da contribuição de São Boaventura em torno da capacidade e conhecimento humano e social.

Abordar a importância da metafísica da luz de São Boaventura para a contemporaneidade. E busca nos objetivos específicos: considerar o propósito de São Boaventura, em relação ao limite e a possibilidade do conhecimento humano; evidenciar a contribuição filosófica do pensamento boaventuriano em relação aos diferentes tipos de conhecimento que a pessoa humana pode ter; demonstrar a relevância dos ensinamentos de São Boaventura sobre a metafísica da luz.

Com relação aos procedimentos técnicos, o tipo de pesquisa será bibliográfico, realizada a partir de levantamento teórico de publicações em livros, artigos científicos escritos e eletrônicos, para que o pesquisador possa basear seu

estudo em pesquisas bibliográficas que tragam informações e conhecimento prévio sobre o problema pesquisado (FONSECA, 2002).

A identificação das fontes de pesquisa em livros, obras de referência, periódicos científicos, teses e dissertações, a partir de levantamento de dados nos bancos de dados *online*, em bibliotecas que dispõem bases de dados e acesso via Internet, oferecem textos completos e outras fontes bibliográficas, que podem ser buscadas por assunto, por periódico, ou palavras-chave (GIL, 2012).

Assim, através de consultas em trabalhos científicos publicados será utilizado as combinações de descritores: São Boaventura; Luz; Metafísica; A leitura interpretativa das fontes bibliográfica afim de conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica, seguiu como critérios de inclusão, os estudos disponíveis em texto completo, no idioma português, que abordam e relacionam-se ao tema em questão, bem como, os critérios de exclusão, por estudos que não atenderam aos objetivos propostos e não os que não se interligavam com outros conhecimentos filosóficos.

A abordagem de categorização dos dados foi qualitativa, por permitir classificar, organizar as variáveis dividindo o estudo em partes para serem analisados e consistirá na codificação qualitativa de esclarecer o que tem no material de acordo com os objetivos, estudar cuidadosamente os registros dos dados, planejar as classes (categorias) e indicadores e adequação equivalentes das classes e verificar a relação entre os códigos utilizados pelos diversos pesquisadores na base de interpretação (MARCONI; LAKATOS, 2016).

O estudo encontra-se dividido em três capítulos com distintas abordagens, o primeiro intitulado "Os Propósitos de São Boaventura", que faz uma explanação sobre a história de vida do franciscano e seus desígnios, o segundo capítulo nominado "Pensamento Bonaventuriano: relação entre teologia e filosofia" traz reflexões sobre o conhecimento teológico e filosófico, e por último, apresenta os resultados do estudo no capítulo intitulado "Metafísica da Luz em São Boaventura".

2 PROPÓSITOS DE SÃO BOAVENTURA

2.1 Boaventura de Bagnoregio (1221-1274)

Teólogo e filósofo escolástico medieval, nascido na Itália no século XIII, foi canonizado em 1482, pelo papa Sisto IV, considerado santo e doutor pela Igreja Católica. Em 1221 em Bagnoregio, do distrito de Viterbo, dos Estados Pontifícios nasceu João de Fidanza, na pequena cidade de Bagnorea, na Toscana, recebeu o mesmo nome do pai, e na infância teve uma grave doença e após sua mãe Maria Ristelli invocar a São Francisco, foi curado. Afirma-se que aos quatro anos de idade ficou gravemente enfermo, e sua mãe fervorosamente implorou a sua cura a São Francisco, e assim, recobrou a saúde (NUNES, 2001).

Boaventura em sua juventude, é enviado a Paris para estudar com o grande franciscano inglês Alexandre de Hales. Leciona como magister regens da universidade até 1256, quando é impelido a abandoná-la, devido à violenta oposição contra as ordens mendicantes por parte dos professores seculares.

Entre 1243 e 1248 estudou Teologia, tendo como mestre a Alexandre de Hales, então o mais famoso professor da universidade e que, pouco antes, para admiração geral, ingressara na Ordem Franciscana. Movido pelas vivências de infância e pelo exemplo do professor, ao qual mais tarde haverá de referir-se com reverência e saudade, Boaventura também se fez frade (DI BONI, 2016, p.18).

Assim, em devoção vinda a infância e admiração a Alexandre de Hales, aos 17 anos de idade ao ingressar na Ordem dos Franciscanos na Faculdade das Artes, de Paris, assumiu o nome de Boaventura. Concebeu a história dos homens e da Igreja a partir de uma organização etária e tendo a Encarnação como seu aspecto fundamental.

Estudou teologia, chegou ao doutorado em teologia em 1253, mas só conseguiu o reconhecimento do título em 1257, e em 1254, no auge da sua carreira recebeu o título de mestre, foi ministro geral da Ordem Franciscana, abandonou a

vida universitária, e dedicou-se à reorganização da Ordem dos Frades Menores (NUNES, 2001).

Foi, um homem de estudo, de ação e um místico, escreveu uma série de obras que perpassaram os campos da Filosofia, Teologia e Mística. "São Boaventura foi o 'príncipe da mística' e, ainda que ele só tivesse escrito os dois opúsculos *Itinerarium Mentis in Deum* e *De Tríplice Via*, bastaria para lhe conceder a primazia entre os místicos da alta Idade Média" (BELEI, 2006).

Todavia, a filosofia do teólogo e filósofo influenciado pelo cristianismo, tinha de referir toda a natureza a Deus, buscava a relação entre o finito e o infinito, entre o homem e Deus, que possibilita descobrir a nossa origem divina e a presença de Deus no mundo. Passou a apontar a nova orientação dos estudos, e o espírito com que deviam ser seguidos, exerceu o magistério teológico no Estudo Geral da sua Ordem Franciscana desenhando o seu definitivo perfil de teólogo-guardião do patrimônio antigo, da tradição agostiniana e neoplatônica (NUNES, 2001).

Destaca-se a primeira leitura de Boaventura não é de fácil compreensão, e as suas obras dividem-se em cinco partes: 1) Escritos teológicos e filosóficos; 2) Comentários a livros da Bíblia; 3) Escritos místicos; 4) Escritos referentes a Ordem Franciscana; 5) Sermões: Feitos em épocas diversas, quase todos após 1257 (DI BONI, 2016).

Além disso, os escritos de Boaventura ao ingressa na fraternidade, os franciscanos defendiam que a atividade pastoral se constituía como uma forma de trabalho que exige uma prévia preparação intelectual. Na visão do ministro geral, o estudo, a pregação e a atividade pastoral são mais importantes para a Ordem que o trabalho manual, pois as primeiras são as formas com as quais os minoritas servem à Igreja (CAMARCHO, 2017).

Considerado por muitos estudiosos, como um dos maiores representantes de São Francisco de Assis e um intelectual da Idade Média, pois toda a sua discussão de maneira singular é fundamenta nas passagens bíblicas e sua análise nas palavras deixadas por Deus nas Sagradas Escrituras (PERIN, 2010). Assim:

(...) fica patente como a 'multiforme Sabedoria de Deus' (Ef. 3,10) que com grande claridade se nos manifesta na Sagrada Escritura, oculta-se me todo o conhecimento e em toda criatura. Fica manifesto, também, como

todo o conhecimento está subordinado à Teologia, e por isso ela assume os exemplos e utiliza a linguagem pertencentes a qualquer outro gênero de conhecimento (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1998, p. 291).

Franciscano preocupado com os estudos, Boaventura acreditava que somente através dos estudos e do desenvolvimento do intelecto o indivíduo poderia compreender as palavras e conseguiria entender os ensinamentos deixados por Deus aos homens na terra.

Ao escrever suas conferências, Boaventura seguiu as explicações dadas pela Sagrada Escritura, desde o surgimento do mundo até a conquista da vida eterna, de forma a mostrar que Deus foi quem criou as ciências e que o uso delas era necessário para desenvolver a inteligência e compreender as coisas divinas, explicava que os homens necessitavam do aprendizado científico para terem conhecimento sobre a prática social (PERIN, 2010).

Segundo Boaventura, a luz divina que torna o intelecto humano capaz de tudo compreender, é por meio da inteligência que os homens podem compreender a existência e a verdade de Deus, é a luz divina que torna possível a inteligência e o homem, submisso a esta luz para compreender Deus e fazer-se um ser singular (PERIN, OLIVEIRA, 2016).

Em seus escritos, São Boaventura, dirige-se ao homem, e ao homem todo, mergulhado na criação universal, com o fim de concretizar a harmonia que aí estabeleceu o Verbo de Deus eterno escolheu para encarnar-se e, assim, sacralizar de vez tudo aquilo que foi criado (MAGALHÃIES, 2012). Desde toda a eternidade, não está apenas inserido na criação, mas ele é a grande obra do Criador, para ele existe a certeza de que a pessoa humana é capaz de conhecer e que existe algo para ser conhecido.

Deus é origem e termo de todo conhecimento, através dos seus vestígios, imagens, sombras e sinais impressos e expressos no mundo. Através das coisas e nas coisas, o homem através do conhecimento, na própria interioridade, no ser e fazer o bem pode ver a Deus, esse é o caminho da ciência (DI BONI, 2016).

Uma das maiores representantes da escrita franciscana, o *Lignum* de Boaventura é tributário de uma série de influências (sobretudo da historiografia patrística e dos modelos agostinianos) e serviu como modelo

para a construção de uma tradição literária na Ordem. Destacam-se elementos tais como o cristocentrismo, o modelo etário, a identificação da Regra Franciscana ao Evangelho, o estabelecimento dos pressupostos da perfeição evangélica, uma preocupação com a escrita da história da Ordem e da humanidade e a crença no papel fundamental da Ordem na evolução dos acontecimentos na história da Igreja e da humanidade (MAGALHÃES, 2012).

Diante da originalidade do Cristianismo em Francisco de Assis no modo de ver e viver, levou discípulos e pensadores à reflexão e sistematização do modo de ser e pensar causando grande admiração ao homem simples chamado Francisco, pautava seus ensinamentos nas regras franciscanas.

Com estabelecimento dos pressupostos da perfeição evangélica, uma preocupação com a escrita da história da Ordem e da humanidade e a crença no papel fundamental da Ordem na evolução dos acontecimentos na história da Igreja e da humanidade, com elementos do cristocentrismo, o modelo etário, a identificação da Regra Franciscana ao Evangelho (MAGALHÃES, 2012).

Boaventura teve seu generalato caracterizado pelo esforço de organizar a vida franciscana e conciliar as querelas que existiam entre os frades em relação à observância de normativas até então elaboradas e da própria vivência da Regra franciscana (CAMARCHO, 2017).

A presença dos frades vivendo a castidade na imitação plena da vida de Cristo e de seus apóstolos, da alegria divina por meio da contemplação para alcançar a verdade e a paz,

Com formação na Universidade de Paris, Boaventura, seus mestres e discípulos originaram uma escola peculiar por buscar conciliar a pobreza e os estudos. O ambiente criou a Escola Franciscana, a um tempo tributária do platonismo e voltada para as mais urgentes questões da vida cidadina (TAVARES, 2009, p. 16).

Nesse sentido, além das questões religiosas, Boaventura procurou seguir as regras da Ordem dos franciscanos representada nos debates políticos e educacionais, preocupou-se com o conhecimento necessário aos homens para a adaptação e aceitação da vida cidadina (PERIN; OLIVEIRA, 2011).

Assim, a produção intelectual dos escritos de São Boaventura, eram voltados para a mística e reorganização de Ordem Franciscana, a obra do Doutor Seráfico, fornece princípios teóricos ao movimento franciscano. Boaventura foi conhecido pelas diversas reformas promovidas no movimento franciscano, como a elaboração da Legenda Maior de São Francisco e a sua transformação em versão oficial da vida do fundador (CAMARCHO, 2017).

Boaventura foi classificado pela literatura posterior como integrante da Escola Franciscana de Paris, ao lado de seu mestre, Alexandre de Hales, Boaventura deixaria um legado fundamental para a Ordem fundador e emblemático daquilo que se convencionou denominar 'escola franciscana', em que o pensamento boaventuriano vincula-se à produção de obras dos denominados Espirituais Franciscanos (MAGALHÃES, 2012).

O ponto alto de São Boaventura na escola franciscana, sem perder o norte dos principais valores inspirados por Francisco: em tudo imitar a maneira de ser e agir como Cristo. Sem dúvida, a disciplina da pobreza da primeira fase, antes um estado de espírito do que uma norma regulamentada pela Igreja, valorizou o estudo e o uso da reflexão por intermédio da inteligência o homem conheceria a Deus e atingiria a salvação seguindo a disciplina da pobreza franciscana para compreender os ensinamentos de Francisco (AGUIAR, 2012).

A disciplina na Ordem Franciscana. Enquanto alguns se preocupavam com questões jurídicas, disputas filosófico-teológicas, outros queriam seguir Francisco, o menor entre todos, servindo aos mais pobres, fazendo penitência, pregando o Evangelho e assumindo uma vida que estivesse mais perto da perfeição evangélica. Destaca-se que uma das maiores representantes da escrita franciscana, o *Lignum* de Boaventura é tributário de uma série de influências (sobretudo da historiografia patrística e dos modelos agostinianos) e serviu como modelo para a construção de uma tradição literária na Ordem (MAGALHAES, 2012).

Os passos do pai Seráfico mostravam -se como bom pregador e professor que era com a certeza que tudo aquilo que for imitado e vivido por qualquer discípulo franciscano, é estar se configurando ao próprio Cristo e chegando mais perto da tão almejada perfeição (ZAROMSKI, 2018).

Portanto, ser discípulo do Pai Seráfico era ter a certeza que, nele, seus filhos espirituais podiam espelhar-se, pois segui-lo era o grande sinal daqueles que renunciavam a tudo em troca da grande certeza que a Providência nunca os abandonaria.

O movimento franciscano trouxe consigo a esperança de uma vivência apostólica primitiva. Tratava-se de defender uma Ordem religiosa fundada por um homem, que por sinal até hoje inspira multidões, como foi o caso de São Francisco de Assis, e refutar o pensamento de poder e domínio que muitos Clérigos Seculares exerciam sobre os Religiosos (MAGALHÃES, 2012).

De acordo com a perspectiva boaventurina, a história da Ordem era um dado separado da vida exemplar de Francisco e relacionado, naturalmente, às imposições das novas estruturas e à necessidade de absorver novas funções. Para Ubertino, em contrapartida, um conflito já experimentado por Francisco adentrava a história da Ordem e colocava-se entre aqueles que desejavam manter a identidade original e aqueles que, para adequar-se aos tempos, atenuavam o radicalismo do projeto (MAGALHES, 2012).

Notamos isso até porque no período imediatamente posterior, início da década de 60, no século XIII, começa o magnífico trabalho de Tomás de Aquino que conhecemos hoje como Suma Teológica. E, em segundo lugar, a opção de vida e as atribuições governamentais assumidas por São Boaventura, seja como Geral da Ordem dos franciscanos, ou como Cardeal, mais tarde, além de absorverem-lhe o tempo e energias, também demandavam um tipo específico de escrita e abordagem dos assuntos tanto no campo filosófico como no teológico (RODRIGUES, 2013).

Para Boaventura a filosofia tem que buscar a relação entre o finito e o infinito, ou seja, entre o homem e Deus. Afirma São Boaventura que “ninguém pode, pois, queixar-se da vontade divina, pois que ela age retíssima em tudo; antes, pelo contrário, devemos em tudo dar graças a Deus e louvar o regime da providência divina (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO apud DE BONI, 1983, p. 30).

Além disso, ele é claramente contrário a uma filosofia que não seja cristã e a uma razão que seja suficiente a si mesma.

São Boaventura, como filósofo, sabe que o campo especulativo corresponde à razão, mas também ele acredita que a razão é frágil e debilitada devido ao pecado original. Como teólogo que ele é, acredita que somente a fé é capaz de devolver a integridade à razão. A razão, mesmo com toda a sua fragilidade e debilidade, é necessária ao homem, pois a Filosofia serve ao homem como caminho para ele chegar até Deus (ZAROMSKI, p.20).

Nos moldes apontados por São Francisco, apurou a noção de natureza humana, debruçou-se sobre o sentido da própria natureza, esta não pode viver apenas da relação à eternidade de Deus — às ideias eternas como se o que vai acontecendo no mundo trouxesse o estigma da repetição ou, pior ainda, condenação (GONÇALVES, 1974).

Assim, para São Boaventura o indivíduo, quando desenvolvida a inteligência, entenderia que a realização da meditação, no estímulo da consciência, a luz da inteligência, o calor da sabedoria (PERIN, 2009). São Boaventura, discípulo fiel de São Francisco, lutou para que seus confrades, além da formação intelectual, a qual ele tanto zelava, também tivessem a formação de pregadores.

Servia aos mais pobres e estava ao lado dos miseráveis, pois via nos pobres a semelhança com Cristo Jesus, fazia penitência, assumia uma vida mais próxima da perfeição evangélica, pregando o Evangelho (ZAROMSKI, 2018). Quanto à Igreja, conseguiu muitas vezes promover seu projeto de centralização das práticas religiosas e sociais na cristandade.

Os mendicantes foram os frades que mais desempenharam o ofício de inquisidores repreendendo a heresia de forma violenta, ao mesmo tempo, os frades franciscanos nas cidades atendiam a população urbana (CAMACHO, 2012).

Nesse sentido, os religiosos desempenharam o ofício de cura d'almas e pregação atraindo os fiéis dos centros urbanos da Europa, e sem dúvida, tanto a ordem quanto a cúria foram obrigadas a ceder em alguns pontos, e a se adaptarem, mas obtiveram benefícios com a estreita relação criada entre ambas.

2.2 Franciscano São Boaventura

A regra da extrema pobreza e do amor revelado por Francisco, um homem diferente, seguiu a vida da simplicidade, enriquecendo a alma por meio da oração, abdicou dos bens materiais que os pais, dedicou-se a evangelização, dedicação aos doentes, preocupação com a salvação das almas. Vale mencionar, que imitar a vida do Mestre Jesus era a primeira Regra da Ordem Franciscana.

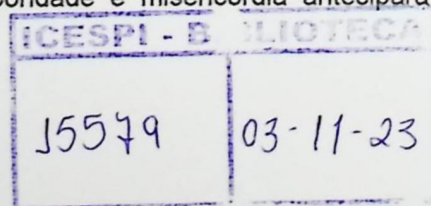
A Ordem Franciscana surge como aquela na qual a vida espiritual encontra sua maior liberdade de expressão, mas também como aquela em que as exigências do fundador deixam um intervalo marcante entre o objetivo e a realidade concreta (MAGALHES, 2012,). No caso da Ordem Franciscana, era necessário ter o cuidado conceitual de não abandonar os princípios fundamentais deixados e vividos por São Francisco de Assis.

São Boaventura, preocupou-se muito mais em viver o Evangelho do que propriamente criar teorias a respeito. como refundador da Ordem, não podia fugir disso. No caso da função de Cardeal, a condição não era muito diferente, na medida em que era preciso buscar um sentido e uma retomada daquilo que é mais fundamental para a Igreja, que, de algum modo, assemelhava-se, de muitos modos, ao próprio problema da Ordem Franciscana: viver conforme os ditames do Evangelho (RODRIGUES, 2013).

Na evolução da Igreja e da Ordem Franciscana registou Boaventura a primeira fase, a dos Apóstolos, a que se seguiu a especulação dos doutores, sendo o mesmo movimento também detectável no espírito humano, na sua ascensão para Deus, Boaventura, porém, vivendo na época dos doutores, que ele mesmo representava, nem por isso enalteceu os valores especulativos a ponto de prejudicar os carismas da simplicidade e pobreza da alma franciscana (DIDASKALIA, 2021).

A humildade e pobreza, seu servo Francisco contemplou a superabundante misericórdia divina de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança.

Vivia na cidade de Assis um homem chamado Francisco, de abençoada memória, a quem Deus em sua bondade e misericórdia antecipara a



abundância de sua graça, salvando-o dos perigos da vida presente e derramando sobre ele os dons de sua graça celestial. Em sua juventude, viveu Francisco no meio dos filhos deste mundo e como eles foi educado. Depois de aprender a ler e a escrever, recebeu um emprego rendoso no comércio. Mas, com o auxílio divino, jamais se deixou levar pelo ardor das paixões que dominavam os jovens de sua companhia. Embora fosse inclinado à vida dissipada, nunca cedeu à tentação. Vivia num ambiente marcado pela cobiça desenfreada dos comerciantes, mas ele mesmo, embora gostasse de obter seus lucros, jamais se prendeu desesperadamente ao dinheiro e às riquezas (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1979, p.2/56).

O ideal Franciscano foi sintetizado de maneira completa por Boaventura, que foi um personagem no século XIII, que aderiu ao movimento representado pelo florescimento de diversas ordens religiosas integrou a Ordem Franciscana em virtude de uma série de pressupostos, gratidão, a influência de seu grande mestre Alexandre de Hales, bem como ponderadas reflexões, pautou seu comportamento pelo desejo de realizar sempre os ideais da Ordem dos Frades Menores, os quais se resumiam, nos dizeres de Boaventura em imitar Jesus Cristo e aderir a Deus por meio da contemplação (TAVARES, 2009).

São Boaventura considerou os preceitos da Ordem dos Frades Menores, escrevendo linguagens teológicas tentando fortalecer seus os pilares com veneração e fidelidade ao culto mariano, obediência ao evangelho, fidelidade a dama pobreza, os rigores da penitência, a humildade e obediência (COSTA, 2011, p.3). No cumprimento estrito da Regra na Ordem Franciscana, em que Francisco, homem abençoado por Deus de maneira singular, no constante esforço por conformar-se perfeitamente a Cristo, teria em comum com Cristo o destino de ressurgir (MAGALHÃES, 2012).

Na verdade, desde o início da vida religiosa, o santo São Francisco possuiu como riquezas, sua túnica, o cordão e as roupas de baixo (PERIN; OLIVEIRA, 2011). Assim, a pobreza franciscana fundamentada na provisão necessária ao corpo, como uma alimentação cotidiana, a vestimenta, o uso e a manutenção dos instrumentos de trabalho.

Boaventura foi um conservador que aceitava a Ordem tal como ela era, não queria inovar, foi um frade representante da Comunidade, foi um 'apologista da evolução franciscana e moderador da observância procurava, antes, conciliar a Ordem (AGUIAR, 2012).

Francisco permaneceu ainda algum tempo na Igreja da Virgem Mãe de Deus, suplicando-lhes em instantes e contínuas preces que se tornasse sua advogada. Assistia ele à missa dos Apóstolos devotamente; o Evangelho falava da missão dos discípulos que Cristo envia a pregar ensinando-lhes a maneira evangélica de viver: não levar ouro nem prata, nem dinheiro no cinto, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bastão. Compreendeu imediatamente o sentido da passagem e, em seu amor pela pobreza apostólica, reteve essas palavras firmemente na memória e exclamou: "É isso o que desejo ardentemente; é a isso que aspiro com todas as veras". E sem mais delongas, arroja para longe os calçados, abandona o bastão que levava, despreza bolsa e dinheiro e, contente com vestir uma pobre túnica, se desfaz do cinto em que pendia a espada, se cinge com uma corda áspera e nodosa, repele do coração toda preocupação terrena e já não pensa em nada mais senão na maneira como haveria de pôr em execução aquela celestial doutrina para se conformar perfeitamente ao gênero de vida observado pelos apóstolos. (Boaventura, 1997, p.474).

Na Ordem Franciscana, Boaventura foi exemplo de frade e ministro geral, um dos maiores defensores teóricos da perfeição evangélica, no cumprimento de pontos essenciais do programa franciscano, visualizou as mudanças e preocupou-se com a sociedade e os indivíduos colocando na ordem do dia a preocupação com o outro e a propagação de sentimentos como caridade, solidariedade, amor e de união (TAVARES, 2009).

Para o entendimento da pobreza franciscana descrita na norma da Ordem dedicada aos frades, Boaventura foi o segundo fundador da Ordem e a principal referência intelectual do movimento Franciscano. Boaventura logo depois de sua eleição, recebeu a licença para lecionar Teologia em Paris, assumindo a cátedra em seguida, fundador da sua Ordem. Nutrir uma suculenta síntese de vida espiritual, genuinamente franciscana. E enorme fidelidade aos ideais de São Francisco, na natural evolução, traduziu o ideal de pobreza na sua mais perfeita expressão (CAMARCHO, 2017).

De fato, o modelo propagado nos seus escritos, a Regra se assemelharia ao Evangelho e Francisco, a Cristo, sem modificar a norma, cumpriu os pontos fundamentais do programa franciscano de 'reforma' (AGUIAR, 2012).

Intelectual e um exemplo de frade, Boaventura foi defensor da prática da pobreza franciscana, com espiritualidade "marcadamente franciscana, na torrente caudalosa da espiritualidade monástica ocidental, sem nada sacrificar dos traços

característicos do cristão do século XIII e da fisionomia de S. Francisco” (GONÇALVES, 1974, p.274).

Pode-se dizer, efetivamente, que Boaventura como segundo fundador da Ordem Franciscana posteriormente aos moldes do fundador da Ordem franciscana, São Francisco de Assis, e da concepção do conhecimento com possibilidade e capacidade infinita do amor, aos demais humanos e a todas as criaturas (RODRIGUES, 2013).

De acordo com essa tradição, Francisco era comparável a Cristo não em virtude de uma série de aspectos exteriores (dos quais os stigmata representam o ápice) que podem ser perfeitamente documentados – como afirma toda uma tradição do século XIV que culminaria com Bartolomeu de Pisa –, mas, sobretudo, em virtude de ter percorrido plenamente a vida de Cristo.

Sua ressurreição seria dada pelo cumprimento estrito da Regra na Ordem Franciscana. Francisco, homem abençoado por Deus de maneira singular, como atesta o prodígio dos stigmata que o modelaram, bem como o constante esforço por conformar-se perfeitamente a Cristo, teria em comum com Cristo o destino de ressurgir.

Ubertino atribui a Conrado de Offida e outros frades ‘dignos de fé’ a afirmação de que a São Francisco de Assis seria concedida uma ressurreição. Da mesma forma que, de maneira excepcional, Francisco assemelhava-se a Cristo sobre a terra, deveria ressuscitar, de forma a reforçar a fé e a verdade da vida evangélica que Cristo queria renovar em Francisco (MAGALHES, 2012). De acordo com os ensinamentos de São Boaventura:

A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo Francisco a todos os verdadeiros amantes da humildade e da santa pobreza. Nele podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança. Verdadeiramente pobre e penitente era ele, mas o Deus altíssimo voltou-se para sua pessoa com tão benigna condescendência, que não só o ergueu do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da perfeição evangélica (SÃO BOA VENTURA,).

Para Boaventura o homem e o universo são concebidos em uma perspectiva franciscana. Na escala humana e eclesiológica a vida e trajetória de Francisco se confundia com a Ordem dos Menores, a perspectiva franciscana colocada com Cristo desde aspectos externos em direção a perfeição, sobretudo, na retomada da *vitavere* apostólica (MAGALHÃES, 2012).

A personalidade do santo São Francisco foi inspiradora para toda disciplina na Ordem Franciscana, em seguir as pegadas de Jesus Cristo, viver em peregrinação, em profunda fraternidade, sem nada de próprio, viver e testemunhar o amor (MENDES, 1999, *apud* ZAROMSKI, 2018).

Afirma-se o homem ao ser criado, é detentor de conhecimento e vontade íntegros ou reto, mas também sua vontade, era conforme à vontade de Deus, através dos sentidos podia conhecer as realidades exteriores, capaz de refletir, e usar suas capacidades intelectuais, de contemplar as realidades superiores e divinas (VASCONCELOS, 2012).

Uma vez que o intelectual franciscano, em uma peregrinação em direção ao seu criador, em direção a Deus, transparece como via de acesso a Deus e a vida do homem, que antes de tudo é uma criatura de Deus, razão pela qual o homem foi criado por último de modo que nele se manifestem e resplandeçam as obras divinas (MAGALHÃES, 2012).

O sentido do *Itinerarium* (caminho) é que nosso modo de caminhar-no-mundo, não tem relação com impor aos outros esse ou aquele modo de pensar ou de estar-no-mundo, mas de uma revisão sobre as razões e as direções que cotidianamente tomamos.

No itinerário de São Boaventura remonta-se esses e outros elementos, e que também precisam ser considerados, entre eles o fato de que tinha sido eleito Geral da Ordem Francis, das decisões que tomamos ou não e as consequências que as mesmas têm ou terão. cana (RODRIGUES, 2021).

A presença de uma matriz boaventuriana, nos escritos de história dos franciscanos de autenticidade comprovada e idêntica são os opúsculos espirituais que buscaram reconstituir a história da Igreja e da Ordem desde a transcrição das idades e das genealogias enunciadas pelo mestre em seu *Lignum vitae*; deverá reconduzir à ideia de uma autoria difusa, em que se ressalta o valor das

transferências e interpolações, mas que o produto final perfaz, invariavelmente (MAGALHÃES, 2012).

O pensamento de Boaventura, em sua perspectiva filosófica que não tenha, no Cristo, seu ponto de partida e de chegada não será isenta de erros, concebe o homem e o universo numa perspectiva cristã. Neste mundo, é uma peregrinação em direção ao seu criador. Ora, uma tal peregrinação ocorreria de modo calmo e tranquilo, não fora o pecado. Após a queda dos primeiros pais, contudo, é preciso, por parte do homem, um esforço para caminhar em direção a Deus. Numa tal perspectiva, o mal só pode ser concebido como uma desordem, instaurada em função do pecado (VASCONCELOS, 2012).

Considerando a perfeição de sua extraordinária santidade, chegaremos sem dúvida algum dia à convicção de que esse mensageiro de Deus era o seu servo Francisco, que foi achado digno de ser amado por Cristo, imitado por nós e admirado pelo mundo inteiro. Pois enquanto viveu entre os homens, imitou a pureza dos anjos, tornando-se um exemplo para os seguidores de Cristo (...) mas o que nos confirma nesses sentimentos é a prova irrefutável de sua verdade: o selo que fez dele a imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado, o selo impresso em seu corpo, não por uma força natural nem por algum recurso humano, mas pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo (SÃO BOA VENTURA,).

Mas especificamente, numa perspectiva franciscana numa cosmovisão, de mundo sensível, como obra divina, transparece como via de acesso a Deus e a vida do homem, concebe a revelação como o horizonte, através do qual, deve ser compreendida toda realidade.

3 PENSAMENTO BONAVENTURIANO: RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E FILOSOFIA

3.1 Processo de Conhecimento Humano para Boaventura

No campo da teoria do conhecimento, Boaventura de Bagnoregio teceu sua compreensão a respeito do processo do conhecimento humano, a problematização do processo do conhecimento humano trouxe inúmeras divergências filosóficas e teológicas. São Boaventura, alude que as ciências, reúnem os conceitos que formamos das coisas, das criaturas, estão orientados e conotados a teologia, que é a luz superior com a qual podemos conhecer em última instância, a razão de ser de cada uma das ciências, da luz para o conhecimento, a luz é a substância espiritual da alma, suas faculdades cognoscitivas, os hábitos naturais ou sobrenaturais que a adornam (FALBEL,2021).

São Boaventura entende que, se Cristo é nosso único e exclusivo Mestre, logo, nem Aristóteles nem mesmo Platão ou qualquer outro filósofo, representa a sabedoria. Todo conhecimento vem de Deus, dos conhecimentos mais simples aos mais complexos, daqueles que falam das verdades terrenas e daqueles que falam das verdades espirituais. Mesmo que o ser humano tenha dentro de si a iluminação de diversas formas de conhecimento, essa luz deve conduzir a criatura ao seu criador para que ela possa adorá-lo (ZAROMSKI,2018)

Ninguém pode chegar à contemplação sem uma meditação profunda, devemos orar e viver santamente, aplicar nosso espírito às belezas da verdade que nos elevar gradativamente, a montanha excelsa onde se vê o Deus sumo (DI BONI, JERCOVIC, 1998).

De acordo com Boaventura, a Teologia é ciência da religião têm mantido relações nem sempre harmônicas desde que a última se impôs na academia. Após perder sua antiga ancilla (filosofia), a teologia vê-se agora desafiada a disputar espaço no espectro multidisciplinar da ciência da religião. a teologia vê-se agora desafiada a disputar espaço no espectro multidisciplinar da ciência da religião (CAMPOS, 2012). A via que percorre a totalidade do saber, o conhecimento

humano em sua capacidade infinita da mente, sensível, iluminativo e científico, conhecer a si, a realidade.

Boaventura estabeleceu relação com o problema de fundamentação do conhecimento inovadora, com posicionamento sobre a capacidade humana de conhecer, dentro da criação é ela que eleva o homem a uma condição privilegiada, cuja contribuição da problematização em torno da capacidade humana de conhecer, seus limites, suas possibilidades e o acesso ou não ao objeto visado pelo conhecimento humano, sobre seus alcances, seus limites e possibilidades (RODRIGUES, 2013).

O desafio da teologia é o de não ser “fagocitada” pela ciência da religião, se tornando somente mais uma disciplina componente desta. Para evitar esta “fagocitose”, é necessário elaborar um critério de demarcação que faça uma distinção nítida entre essas duas áreas do saber religioso. Sendo necessário elaborar um critério de demarcação que faça uma distinção nítida entre essas duas áreas do saber religioso. a questão se decide entre Kant e São Tomás, pois todas as demais posições que o seguiram são somente “hospedarias ou paradas no caminho que leva ao agnosticismo religioso total ou à teologia natural da metafísica cristã (CAMPOS, 2012).

São Boaventura marcou expressivamente o final do século XIII, por meio do seu pensamento, pois questionou as alterações que estavam ocorrendo na forma de organização e conhecimento dos homens e contradisse aos mestres que pautavam os seus conhecimentos somente na razão, fazendo assim com que os indivíduos se afastassem dos conhecimentos divinos.

No reencontro com o pensamento e os textos aristotélicos, reconhece a importância de Aristóteles, mas diz que seu objetivo é perseguir a vida e o testemunho de Francisco, não é tanto a ciência, algo que conduz para o amor ou mesmo no sentido evangélico de quem sem a caridade todo o conhecimento é vão (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 424).

O empreendimento de São Boaventura “entre os Menores só se fez teologia e não se comentava Aristóteles, com um sentido diferente e não propriamente um desprezo ao trabalho filosófico. Se o progresso técnico-científico não corresponde um progresso ético-religioso, a mesma ciência, cheia de ares de

confiança em si, que se encontra vulnerável para dar resposta a tudo, estão dispostos a admitir que sua visão do Universo está longe de ser completa e que provavelmente.

Além disso, no seu pensamento boaventuriano as coisas e os seres do mundo são imagens ou cópias de arquétipos ou exemplares, cuja doutrina exemplarista acentua diferenças, focaliza as semelhanças e as relações íntimas entre Deus e as criaturas, em que os espelhos refletem o poder, a sabedoria e a bondade divina (BELEI, 2006).

O foco do trabalho de São Boaventura foi voltado para outra realidade, para além do conhecimento do mundo, como o fim último da busca humana, propõe encontrar o que podemos denominar a Sabedoria no sentido cristão do termo (RODRIGUES, 2013). Os ensinamentos e debates dentro da universidade parisiense.

Embora reconhecesse que Francisco não era a favor do uso das ciências, "Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e as ciências [...]" ele considerou o conhecimento como uma das principais virtudes do homem: os estudos das ciências levariam a uma melhor interpretação das Palavras Sagradas e, com isso, o homem entenderia que suas atitudes deveriam seguir os princípios da bondade, da solidariedade, do amor ao próximo e da humildade (PERIN; OLIVEIRA, 2011, p.60).

Pautadas no pensamento de Santo Agostinho e nas Sagradas Escrituras, São Boaventura herdou do bispo Santo Agostinho, a teoria da iluminação e a visão criacionista, iluminado pelas luzes da Revelação e fez ajustes. Para São Boaventura a sabedoria não é representada nem por Aristóteles, nem por Platão ou qualquer outro filósofo, e nosso único e exclusivo Mestre é Cristo (ZAROM, 2018).

A Sabedoria de Deus' (Ef. 3,10) que com grande claridade se nos manifesta na Sagrada Escritura, oculta-se em todo o conhecimento e em toda criatura. Fica manifesto, também, como todo o conhecimento está subordinado à Teologia, e por isso ela assume os exemplos e utiliza a linguagem pertencentes a qualquer outro gênero de conhecimento (BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, 1998, p. 291).

Exímio representante da corrente agostiniana, Boaventura compreendeu que Deus é a realidade intimamente presente e cognoscível à alma humana sem ser, porém, a ela imanente. A alma, embora infinitamente próxima de Deus, é uma criatura e, por isso mesmo, não pode ter a mesma natureza do Criador. Boaventura revelou que só o conhecimento de si mesmo pode elevar o homem ao conhecimento de Deus, descobrindo, no próprio ser da alma, estampada à sombra da imagem divina (BELEI, 2014).

A sabedoria empregada no sentido cristão, conforme seguindo Santo Agostinho, no sentido restrito procurar o conhecimento de Deus pela experiência a paz final, a sabedoria é meta de vida e obra de Boaventura, trata-se de um dos dons do Espírito Santo, que pertence ao estado místico, como ato de saborear a doçura de Deus (DI BONI, JERCOVIC, 1998).

São Boaventura, adota a teologia da escola franciscana em aperfeiçoar o homem orientando-a a ação pelo despertar dos afetos da alma, designam esta ciência com o nome de sabedoria (*sapientia*) porque "nos faz saborear a doçura e a beleza dos dogmas" (FALBEL, 2021).

Rumo a perspectiva do pensar filosófico da ciência como Sabedoria a proposta por Santo Agostinho, para São Boaventura lhe serviu como um meio termo entre Aristóteles com mapa conceitual baseado no realismo e a teoria das ideias de Platão, promoveu o diálogo da mente divina no mundo das ideias e a elevação da mente humana no conhecimento da essência das coisas (RODRIGUES, 2013).

Para Boaventura antes era preciso conhecer e entender a Palavra de Deus, obedecer aos ensinamentos divinos para se chegar ao desenvolvimento racional e então poder compreender todas as coisas. Sendo assim, segundo o autor, os homens deveriam conhecer os ensinamentos de Deus deixados nas Sagradas Escrituras, e deixar-se iluminar pela "luz de Cristo", com isso, os homens compreenderiam, através da razão, que deveriam modificar suas atitudes e saber viver coletivamente (SANTIAGO; PERIN, 2011).

No pensamento bonaventuriano, seguindo a vertente agostiniana, a interioridade pressupõe um movimentar-se para dentro da própria alma, constituindo assim um imergir no próprio eu para ali, no mais profundo da alma,

encontrar Deus. O ser humano deve conduzir a criatura ao seu criador por uma luz dentro de si nas diversas formas de conhecimento para adorá-lo, pois todo conhecimento, simples e complexos vem de Deus, vem dos que falam das verdades terrenas e espirituais (ZAROM, 2018).

Para São Boaventura, o ser humano é único, criatura, imagem e semelhança de seu criador. Assim como o homem precisa relacionar-se utilizando dos sentidos para conseguir sair de si, Deus também quer relacionar-se com sua criação, por isso Ele manifesta-se através do ser humano.

A noção de movimento, essencialmente relacionada à interioridade, é fundamental, uma vez que esta representa antes de tudo um empenho da alma em procurar a verdade, sendo que esse esforço, necessariamente, deve passar por um itinerário para dentro de si mesma. No entanto, o mergulhar em si mesmo não se reveste de um caráter egoístico, uma vez que, dentro de si, na alma humana, o homem encontrará o próprio Deus (BELEI, 2006).

Considerando que Deus era o centro de toda ciência, explicava também que, ao aprender a ciência, o homem estava aprendendo a conhecer melhor Deus. A visão Franciscana dos escritos de Boaventura, em termos filosóficos e teológicos marcado pelo espírito de Francisco seu mestre, de uma vida já franciscana de contemplação e simplicidade (DI BONI, 2016).

Suas justificativas, sempre pautadas nas Sagradas Escrituras, conflitavam com os ensinamentos fundamentados na teoria aristotélica, que via a razão como diretriz principal da compreensão de todas as coisas (PERIN, 2010). Afirma-se que na história franciscana, os escritos de Boaventura:

Nos reconduzir à ideia de uma autoria difusa, em que se ressalta o valor das transferências e interpolações, mas cujo produto perfaz, invariavelmente, uma obra de *auctor*, sob a matriz de uma *auctoritas* – no caso, a agostiniana – a qual lhe confere a condição de *authentic*, independentemente de sua autoria em sentido contemporâneo – a qual pode, inclusive, ser múltipla. Assim, de autenticidade comprovada e idêntica são os opúsculos espirituais que buscaram reconstituir a história da Igreja e da Ordem desde a transcrição das idades e das genealogias enunciadas pelo mestre em seu *Lignum vitae*; e as obras nas quais o ideário da 'escola' aparece sob a forma de análises mais densas e abstratas, dirigidas a discussões acadêmicas (MAGALHÃES, 2012, p.30).

Para Boaventura em termos de conhecimento o homem possui capacidade infinita, e o movimento de intercâmbio entre teologia e filosofia é a mística, partindo da mediação que interpreta o conhecimento inato da capacidade de conhecer a Deus com possibilidade infinita, diante dos demais seres criados (sombras, vestígios, sinais) reconhece a pessoa humana como distinta e digna (*Imago Dei*) (RODRIGUES, 2013).

A sabedoria tem um caráter de uma anamnese conceitual que dialeticamente pretende conduzir a razão à verdade, e essa de muitas formas não pode ser completamente possuída por nós. O que ele se propõe a fazer é encontrar o que podemos denominar a Sabedoria no sentido cristão do termo. Para Boaventura da filosofia se valeu como importante ferramenta para discutir filosoficamente com o averroísmo que muitos entendiam que tinha que ser combatido de outras formas, mas ele preferiu o embate no campo das ideias. (RODRIGUES, 2021)

Sobre a sabedoria da fé Boaventura se refere à ciência como conhecimento proferida, também da dádiva de Deus. É interessante notar que a estrutura do *Itinerarium* (caminho) envolta em uma teoria do conhecimento, no modo de caminhar-no-mundo, tem relação com elementos em seu itinerário, de uma revisão sobre as razões, as direções, as decisões e consequências dos caminhos que tomamos cotidianamente. e que também precisam ser considerados da Ordem Franciscana (RODRIGUES, 2013).

Deste o ideal de toda interioridade franciscana de buscar a Deus, impressos na própria alma, para melhor amar, por amar e querer a Deus e conhecê-lo, no plano do *Itinerarium* de Boaventura. Assim, todo o desenvolvimento da elevação da alma para Deus, é nutrido pelos ideais franciscanos, que perpassam o *Itinerarium*, ou seja, o homem à atividade intelectual e faz nascer nele a exigência de progredir de verdade em verdade” até chegar ao Sumo Bem, o próprio Deus (BELEI, 2006).

Para Boaventura, as artes mecânicas são as possibilidades de ‘união entre alma e Deus, expressam um ‘estágio’ de sabedoria humana uma vez que ao mesmo tempo em que é resultado da iluminação divina no homem é a expressão do conhecimento e habilidade dele próprio. Em outras palavras, retrata a pessoa

fazendo uso de sua inteligência, que é a parte do homem, junto com a alma, que se assemelha a Deus (PERIN; OLIVEIRA, 2016).

O caminho da união com Deus, São Boaventura afirma que são seis as partes em que se diferencia, a luz que do alto: a luz da Sagrada Escritura, a luz do conhecimento sensitivo, a luz da arte mecânica, a luz da -filosofia racional, a luz da filosofia natural e a luz da filosofia moral (FALBEL, 2021).

Para Boaventura, as três formas representadas pela Trindade em todas as ciências: o moral, o alegórico e o analógico (ou místico), os quais correspondem aos três atos hierárquicos da vida espiritual: a purificação, a iluminação e a perfeição (BOAVENTURA, p.235).

Assim, todas as ciências trazem em si a marca da Trindade, mas, de todas, a que melhor a conserva é a que se aprende na Sagrada Escritura, correspondiam ao fundamento da ciência que revelava a Sagrada Escritura porque quando bem praticados levavam à vida eterna, quando bem interpretadas levavam a uma reflexão dos ensinamentos (PERIN, 2009).

O sumo bem está acima de nós. Ninguém, por conseguinte, conseguinte, pode ser feliz, senão elevando-se acima de si mesmo, não já com o corpo, mas com o coração. Mas, para elevarmo-nos acima de nós mesmos, temos necessidade de uma virtude superior. Quaisquer que forem as nossas disposições interiores, para nada servem, se a graça não nos ajudar. Ora, o auxílio divino está sempre ao alcance daqueles que o pedem do fundo do coração com humildade e devoção. Quer dizer, é dado só aos que, suspirando, se voltam para Deus neste "vale de lágrimas" com ardente oração. A oração é, pois, o princípio e fonte de nossa elevação a Deus (DI BONI, JERCOVIC, 1998).

O sumo é Deus, e não se pode ser feliz se não tiver um coração humilde e devoção, com auxílio divino e elevação a Deus. Logo, para ele, o fim último da nossa a ânsia não está representada na teologia e nem mesmo, responde a busca pela verdade, que é fundamental à razão humana, na condução do homem até às portas da mística que silencia e dar luz à graça.

No pensamento cristão a luz sempre foi um dos elementos mais relevantes, em analogia com a graça divina, com primazia na ordem da criação do mundo, que age como princípio unificador e ativo de todas as formas substanciais, interior e intrínseca à maneira de vivificar os corpos (BELLEI, 2006).

3.2 A Relação entre a Teologia e a Filosofia no Pensamento Boaventuriano

Sobretudo, Boaventura vai buscar elementos para fundamentar sua antropologia na filosofia patrística, dispõe de uma comparação antiga, entre a criatura e o Criador, o Criador possui da criatura ao qual se assemelha, pois Deus criou o homem para que este o louve, o sirva e goze de sua beleza (DI BONI, 2016).

Como importante e fundamental, porém reduzida a Teologia, concebe no seu pensamento interpretações sobre a Filosofia diferente do pensamento aristotélico nas questões da fé, percebe as diferenças fundamentais entre a Filosofia e a Teologia e não aceita uma filosofia pura (VASCONCELOS, 2012).

A ação de Boaventura desdobra-se num duplo com quase oposto horizonte, no intuito de estabelecer um difícil equilíbrio: realçar os valores especulativos — em contraste com alguns dos seus confrades — e situá-los na sua posição adequada — contra o exagero de tantos contemporâneos seus, sobretudo oriundos da instituição universitária, que reduziam o homem cristão à antropologia aristotélica. (GONÇALVES, 1974, p;269).

Segundo Boaventura, quando a Filosofia era considerada a explicação primeira de todas as coisas, ocorria uma negação da existência de tudo, porque nenhuma explicação era completa sem o conhecimento da criação dessas coisas, e apesar da Teologia se fundar na fé e o objeto de fé é a verdade que supera a razão, amparada por uma autoridade que a confirme, a Escritura é maior autoridade estabelecida para dirigir a fé, uma vez que, foi estabelecida pelo Espírito Santo (RODRIGUES, 2013).

a Filosofia de Boaventura, convém procurar o lugar, a posição que ele atribuída à Filosofia dentro da classificação das ciências. O melhor texto a respeito, mas não único é o *De reductione artium ad theologiam* (A redução das ciências à Teologia³⁰). Inspirando-se no texto de Tiago 1, 7: "Toda a dádiva preciosa [...] vem de cima, descendo do Pai das luzes", Boaventura dizia que as ciências, como graus de luz que descem de Deus, possuem uma graduação, uma hierarquia, entre si, e todas as ciências desta vida se voltam para a Teologia. São quatro luzes vindas de Deus, que ele desdobrou em sete modos, tal como foram sete os dias da criação: 1. A luz exterior, a das "artes mecânicas", isto é, dos objetos artificiais feitos pelo homem, (como náutica, caça, agricultura etc.); 2. A luz

inferior, a do “conhecimento sensitivo”; A luz interior, a da Filosofia, que se subdivide em: 3. Racional (a Lógica), 4. Natural (a Física), e 5. Moral. Segue-se uma quarta luz (que vem a ser a de número 6): a luz superior, a luz da Sagrada Escritura, a qual é o objeto de estudo da Teologia. E aqui cessam as luzes da vida terrena. Mas existe uma sétima luz, correspondente ao último dia da criação, no qual o Senhor repousou: é a luz da contemplação divina, que só conheceremos na outra vida (DI BONI, 2016, p. 253).

Todos os conhecimentos se ordenavam ao conhecimento da Sagrada Escritura, pelo qual toda iluminação refere-se a Deus, de quem teve seu princípio. No seu tempo esboçou-se a possibilidade de uma nova síntese filosófico-teológica, viu no filósofo grego um grande expoente, mas ateve-se aos moldes tradicionais, e a filosofia nos moldes aristotélicos serviu-lhe para exemplificar e corroborar o legado da tradição acerca da razão humana no esforço do homem para alcançar a verdade (DI BONI, 2016).

É claro que Boaventura percebe as diferenças fundamentais entre a Filosofia e a Teologia, mas o franciscano não aceita uma “filosofia pura”. A Filosofia encontra seu sentido apenas se é “reconduzida” à Teologia. É evidente que maneiras tão diferentes de conceber a Filosofia vão ensejar interpretações diferentes do pensamento aristotélico e sua inserção como instrumento teórico para as questões da fé (VASCONCELLOS, 2012, p.167)

Assim, a filosofia deve nutrir-se da fé, permitindo que se busque as razões dessa mesma fé, iluminada por uma luz maior, vai ao encontro das profundas aspirações da criatura racional, que busca a compreensão daquilo que é objeto de sua crença e de seu amor. São Boaventura faz uso da Filosofia, percebendo nela alguns limites que podem colocar em perigo a fé, caso esta Filosofia não se deixe guiar por essa mesma fé, não despreza a Filosofia, mas não é nela, efetivamente, que o homem pode encontrar o melhor meio para guiá-lo em seu itinerário até o encontro final e fundamental com Deus, quando vai se deparar com maravilhas que não encontrou antes e que superam toda inteligência humana, tal como transparece no *Itinerário da Mente para Deus* (VASCONCELLOS, 2012).

Considerando o próprio carisma franciscano, a influência das obras do chamado Pseudo-Dionísio Areopagita, a grande influência platônico-agostiniana, e pressupostos comuns que ressaltaram diversos aspectos de reflexão teológica sobre a diversidade das expressões da fé. A filosofia de Boaventura nutrir-se da fé

e busca razões sobre a mesma, na compreensão do que é objeto de sua crença e amor, guiada por uma luz maior que vai ao encontro das aspirações mais profundas da criatura racional (VASCONECELOS, 2012).

Saber definir e distinguir os conceitos, raciocínios, conhecer os grandes filósofos e teólogos era o mínimo que o Doutor Seráfico Tradição boaventuriana, uma vez que o pensamento do Doutor Seráfico – tanto do ponto de vista filosófico quando histórico meta final de toda aspiração terrena é o amor de Deus na sabedoria. De acordo com Boaventura, a via para tal percorre a totalidade do saber.

O pensamento Boaventuriano ultrapassa o âmbito da Filosofia e da Teologia, de acordo com a teoria da iluminação divina, passando pelo Cristo, que redescobrimos o caminho de retorno da nossa alma para Deus. À Filosofia e à Teologia cabe organizá-lo, com o auxílio da revelação, em um sistema onicompreensivo do saber santo (MAGALHAES, 2012).

A Filosofia é este grande instrumento concedido por Deus para o homem conhecer toda criação divina e assim chegar ao seu Criador. Ela é limitada e falha se não se apoiar na Fé para poder compreender não só aquilo que está ao seu redor, a tudo aquilo que é natural, mas precisa ir além dos seus limites. Para a Filosofia sair de si, ela precisa auxiliar o homem a encontra-se com a realidade divina, preocupar-se com aquelas coisas que o tempo não pode apagar e não são efêmeras (ZAROMSKI, 2018).

Em que a filosofia apresenta a presença de Deus no mundo possibilita descobrir a nossa origem divina da criação e dos vestígios das coisas divinas cabendo aos homens compreender e desvendar estes vestígios, contra a visão aristotélica de conhecer as coisas sem conhecer a Deus, como motor imóvel (MARCONATTO, 2021).

A maneira de São Boaventura organizar seus argumentos é utilizando-se da Filosofia Cristã, que está fundamentada na fé. A Filosofia está construída como um saber natural, mas como Filosofia Cristã recorre a Revelação. Assim, Boaventura não podia ter escolhido outro caminho, pelo tempo e pela função que lhe foi atribuída. Por outro lado, pode ser enganoso pensarmos que sua contribuição para a Filosofia foi nula ou reacionária.

Ao aderir ao que podemos denominar como neoplatonismo cristão, faz uma espécie de síntese filosófica, mesmo talvez não sendo o seu principal propósito. Era uma de suas características pessoais a busca pelo diálogo, isso aparece também em seu trabalho teórico (RODRIGUES, 2013).

São Boaventura não desconhece a importância de Aristóteles e toma em conta suas ideias, considera-o uma autoridade no que concerne às ciências naturais, mas não aceita integralmente o pensamento aristotélico, pois dele faz um julgamento a partir da Teologia (VASCONCELOS, 2012). Todas as iluminações cognitivas podem reduzir-se à luz da Sagrada Escritura, pois toda ciência deverá reduzir à Teologia, onde Deus é o princípio e o fim de toda ciência e, o homem, somente quando deixar-se iluminar pelo conhecimento divino desenvolveria a inteligência, a qual o possibilitaria entender a ciência (SANTIAGO; PERIN, 2011).

Nesse sentido, a Filosofia se separa da Teologia, pois a mediação entre o conhecimento filosófico e o conhecimento teológico de algum modo é garantido pela mística, “o *Apex Mentis* (ápice da mente) não é uma experiência em oposição à razão, tampouco o resultado de uma mera Teologia Racional” (RODRIGUES, 2013, p.116).

Boaventura inova porque sugere muito mais a necessidade de acesso à mente divina, do que propriamente o conhecimento e o reconhecimento das provas a priori ou a posteriori de sua existência, sobretudo no *Itinerarium Mentis in Deum* se revela, quando reconhece os limites da razão prática e teórica e, ao mesmo tempo, sugere na obra *Redução das Ciências à Teologia*, em todos os sentidos uma nova perspectiva de construção e de utilização da ciência ou do saber científico (RODRIGUES, 2013).

Transcende o conhecimento sapiencial que potencializa e aumenta o seu valor,

O conhecimento sapiencial ou iluminativo carece de um complemento da fé, no entendimento do autor, que permite ao humano ver além da *physis*, além do natural, e, ao perceber a distinção entre vestígios, imagens e sinais, reconhecer-se como imagem divina, no sentido do homem racional que, por assim o ser, é, portanto, capaz de perceber a real e intencional presença-ausente do Criador em tudo o que existe. Assim, ao alcançar o grau de conhecimento sapiencial necessário, o homem não apenas apreende e entende os sinais e vestígios que apresentam em grau maior ou menor o Criador, mas reconhece-se como imagem que é capaz de

reconhecer as imagens impressas e expressas no mundo criado (RODRIGUES, 2013, p.115).

É nesse sentido que os ensinamentos, Boaventura representou o seu tempo. expor seu pensamento provocando debates e expressando seus conhecimentos bíblicos, argumentando que, apesar de necessário, o conhecimento científico tinha como principal questão entender Deus como criador de tudo (PERIN; OLIVEIRA, 2011).

Em São Boaventura, entende-se o uso da Filosofia (razão) sem um envolvimento com a Teologia (fé), mas uma está submissa a outra, ao considerar as Sagradas Escrituras tendo Deus como centro de todas ciências e criador único de tudo, em que o mundo se explica na Teologia e pode ser compreendido pelo desenvolvimento do intelecto por meio das Sagradas Escrituras (PERIN, 2010).

Ainda que compreenda a Filosofia de um modo muito particular, o franciscano nela vislumbra uma importante função, pois ela pode exercer um papel que, de um certo modo, assemelha-se às Escrituras, uma vez que ambas, a seu modo, ajudam a compreender e fundamentar a Teologia. É claro, contudo, que as Escrituras encerram possibilidades bem mais amplas na realização de tal atividade (VASCONCELLOS, 2012).

De tal modo, percebeu que a Filosofia possui alguns limites que podem colocar em perigo a fé, caso seja nutrida pela fé e não se deixe guiar por essa mesma fé, que permita buscar as razões indo de encontro das profundas aspirações da criatura racional.

Na filosofia racional, diz Boaventura, considera-se quem profere a palavra, a palavra em si mesma e a quem é endereçada. Quem profere a palavra assemelha-se ao Pai, que desde sempre profere a Palavra, o Verbo, o qual vem à criatura sem deixar de estar no Pai. Em si mesma a palavra deve ser proporcionada, verdadeira e elegante, e nestas qualidades encontra o homem a ordem da vida. Quanto ao fim, ele deve exprimir, ensinar e mover ao bem: o que é realizado por Cristo, único mestre, e que "tendo sua cátedra de ensino no céu, ensina no coração do homem (DI BONI, 2016, p.53).

Portanto, a dignidade ontológica na visão de Boaventura é entendida na semelhança entre o criador e a criatura, em maior ou menor grau, na capacidade

humana de entender e conhecer com condição elevada para operar no universo criado, no privilégio de concriá-lo. E, ao alcançar o grau de conhecimento sapiencial necessário, o homem apreende e entende os sinais e vestígios e se reconhece como imagem e as imagens impressas e expressas no mundo criado (RODRIGUES, 2013).

Para São Boaventura, a teologia, a única ciência perfeita, não é meramente especulativa e por ser sabedoria (*sapientia*) ela se encontra entre o conhecimento especulativo e prático que contendo a ambos tende ao aperfeiçoamento de nossos afetos. Ela está ordenada a despertar em nós a chama do amor divino, seu fim principal é fazer-nos bons (*ut boni fiamus*) e nos leva a sabedoria perfeita, que se traduz em sabor perfeito (*sapor perfectus*) (128). (FALBEL, 2021, p.29).

O sentido da *sapientia* divina de Francisco de Assis, a mística cristã da aceitação e ressignificação do sofrimento físico, nunca por desprezar as coisas materiais ou a própria existência, ou seja, nunca o provocar (RODRIGUES, 2013).

De tal modo, a Filosofia serve ao homem como caminho para ele chegar até Deus, e Boaventura, em conformidade com a verdade das palavras, das coisas e dos costumes divide a Filosofia em racional, natural e moral, a busca da verdade é cristocêntrica por excelência, na concepção bonaventuriana, a realidade só pode ser compreendida através da Revelação e de uma perspectiva filosófica que coloque Cristo como ponto de partida e de chegada para não cair em erros (ZAROM, 2018).

Como bom agostiniano, apresenta-se como acérrimo defensor da criação no tempo, vendo na doutrina da eternidade do mundo um dos três maiores erros que o mundo cristão deve enfrentar. Na significativa presença de Agostinho, a natureza bonaventuriana, imita na sua ação o Verbo da Trindade, na alimentação, e renovação concreta e histórica com o Verbo da encarnação, com espiritualidade, logocêntrica e cristocêntrica, dando estes dois termos a medida da essencial referência da alma seráfica ao Verbo eterno e encarnado (GONÇALVES, 1974).

A Filosofia e outras *scientiae* assume um papel fundamental com a finalidade de apoiar o edifício argumentativo da Teologia, para busca a compreensão daquilo que é objeto de sua crença e de seu amor, o homem através

da filosofia pode encontrar o melhor meio para guiá-lo em seu itinerário até o encontro final e fundamental com Deus (VASCONCELOS, 2012)

Portanto, a Filosofia sozinha é perigosa, e deve alimentar-se e ser iluminada pela fé para auxiliar na compreensão e fundamentação da Teologia, são complementares, tanto a Filosofia como a Teologia apesar de possuir métodos diferentes.

A quase unanimidade por um modelo analítico de pensamento não parece ter convencido São Boaventura. Mas pode ser precipitada a acusação de que ele tinha uma postura de desprezo ou subordinação da Filosofia. São Boaventura residia no fato de que “entre os Menores não se comentava Aristóteles, havendo um sentido diferente⁶ no empreendimento filosófico de São Boaventura e não propriamente um desprezo ao trabalho filosófico (RODRIGUES, 2021). Nesse sentido:

A Filosofia deve estar sujeita à Teologia (*Sententiarum Lib. III, Dist. XXIV, Art. II, Quaestio III, 4*). No *Prólogo ao Brevilóquio*, São Boaventura assevera que a filosofia trata das coisas como existem na natureza ou na alma pelo conhecimento naturalmente dado ou adquirido, enquanto a Teologia baseada na fé, e relevada pelo Espírito Santo, trata das coisas que se referem à graça, à glória e à Sabedoria eterna, *ipsa substernens sibi philosophicam cognitionem*. Assim, a Teologia sujeita o conhecimento filosófico, pondo-o a seu serviço (NUNES, 2001).

Conduzem a Deus, a Filosofia está construída como um saber natural, mas como Filosofia Cristã recorre a Revelação, para que a criatura racional possa compreender aquilo que ela ama e acredita (ZAROMSKI, 2018). De acordo com Boaventura, a meta final de toda aspiração terrena é o amor de Deus na sabedoria. a via para tal percorre a totalidade do saber. À Filosofia e à Teologia cabe organizá-lo, com o auxílio da revelação, em um sistema onicompreensivo do saber santo. Por essa razão, Boaventura deseja que todas as ‘ciências’ sejam postas a serviço do amor (BOEHNER; GILSON, 2004).

A doutrina baseada nos princípios metafísicos, que ultrapassa o âmbito da Filosofia e da Teologia, resultante dos ensinamentos divinos e da compreensão de que Deus nos princípios metafísicos, iluminações intelectuais e morais. De acordo com Boaventura, a Teologia encontrava-se, por sua vez, encontrava-se

subordinada à Mística, último estágio do itinerário da alma para Deus, concluído por intermédio da contemplação (VASCONCELOS, 2012). Assim,

A percepção metafísica que não favoreça tal cristocentrismo não pode encontrar íntegra acolhida em um autor que concebe a revelação como o horizonte, através do qual, deve ser compreendida toda realidade. De fato, uma perspectiva filosófica que não tenha, no Cristo, seu ponto de partida e de chegada não será isenta de erros. Boaventura concebe o homem e o universo numa perspectiva cristã, mais especificamente, numa perspectiva franciscana (VASCONCELOS, 2012).

A organização da Filosofia com a Teologia, dar-se com o auxílio da revelação, em um sistema onicompreensivo do saber santo. Por essa razão, Boaventura deseja que todas as 'ciências' sejam postas a serviço do amor (BOEHNER; GILSON, 2004). De tal forma,

a interioridade, longe de ser uma ação subjetiva do homem, é uma iniciativa da própria Verdade que motiva, impele e guia essa movimentação. Nenhuma ciência, nem a Filosofia ou a Teologia podem tornar o homem verdadeiramente sábio: somente a graça de Cristo, o Verbo interior, é quem ilumina, eleva, amplia, purifica e aperfeiçoa o espelho da mens, uma vez que "ninguém, por mais iluminado que esteja pelas luzes da razão e pelo estudo das ciências, pode entrar em si mesmo para "deleitar-se no Senhor" se não for por meio de Jesus Cristo", apenas Cristo, o "Mediador entre Deus e os homens" centro de todas as coisas, é também, a interioridade da alma (BELEI, 2014).

Portanto, a criação do mundo decorre dos vestígios das coisas divinas, a qual temos o contato com as ideias exemplares divinas, mas não percebemos de forma direta, cabendo aos homens compreender e desvendar estes vestígios para compreender um Deus perfeito em sua essência.

4 A METAFÍSICA DA LUZ EM SÃO BOAVENTURA

4.1 Pensamento filosófico sobre a Metafísica

A metafísica na filosofia na receptividade dos sentidos desvela inquietudes e concepções sobre o homem e a natureza, do conhecimento de si, da alma e de Deus. A questão sobre a natureza dos objetos materiais revela questões particulares acerca das questões metafísicas, do tempo, da realidade, de Deus, a questões gerais superiores.

A filosofia primeira se tornou metafísica, devido a um saber que se seguia à Física, designado a algo que seria transfísico. A Metafísica a partir da próte *philosophía* no conceito tradicional da metafísica, Heidegger indicar o erro lógico de se tomar a parte pelo todo, indicando-lhe três inconveniências: a) seu caráter extrínseco; b) seu caráter confuso; c) sua indiferença em relação ao problema que designa (OLIVEIRA, 2012).

Em princípios do século XIII, já começavam a se difundir as traduções da Física, da Metafísica e de obras sobre ciências naturais. Desde 1210, a Igreja, proibiu a Faculdade de Artes de Paris de realizar cursos sobre a física e a metafísica aristotélicas até que fossem depurados os erros contidos neles (FABEL, 2021).

A metafísica enquanto tese que determina substancialmente, o sentido universal de sobrevivência, vista como combinando uma tese global para explicar a conexão das coisas (SANTOS, 2014). Nesse segmento, apesar de não possuir status de ciência, a metafísica tem como característica a busca pela verdade.

Abarcando a problemática metafísica que deve desenvolver-se na totalidade do ente em si e absolutamente, em nossa existência, numa unidade de "totalidade". Mesmo então e justamente então, quando não estamos propriamente ocupados com as coisas e com nós mesmos, sobrevém-nos este em totalidade" (STEIN, 2021).

Portanto, conceber a concepção sobre a metafísica, sobre a tese de sobrevivência, em que se identifica os fatos e fixa todos os outros que não são Um

sistema metafísico, nesse sentido, seria uma tese universal de sobrevivência que identificasse um domínio de fatos que fixa todos os outros, trata-se de como as coisas existem e como elas são (SANTOS, 2014).

Considerando a razão pura distinguida pela metafísica, em virtude das limitações dos sentidos. Na contribuição filosófica de alguns filósofos sobre a metafísica, a contribuição de Kant, seguiu consequências da demolição da metafísica especulativa de instabilidade, que se deslocava do religioso ao sentimento extrarracional e extrametafísico, de uma compreensão teórica em acesso a Deus (CAMPOS, 2012).

Lemos as contribuições dos dois jesuítas para os conceitos de espaço imaginário (*spatium imaginarium*) e de tempo imaginário (*tempus imaginarium*), encontramos-nos perante uma exposição metafísica, ao menos kantianamente, na "Estética Transcendental", que por "exposição" se deve entender "a apresentação clara (embora não pormenorizada) do que pertence a um conceito" e que a exposição será "metafísica quando contém o que representa o conceito enquanto dado a priori" (CARVALHO, 2020, p.182).

A contribuições conceituais sobre o espaço e o tempo imaginário expôs a metafísica, transcendental de luminosidade primeira, de uma exposição entendida como apresentação clara metafísica. A concepção distante da teologia para uma teoria racional e metafísica não contemplava o conhecimento e alcance a Deus. No pensamento de Aristóteles, na teologia, o pensamento é objeto próprio, e a priori é o motor imóvel da experiencia imediata com Deus na contemplação da realidade do vir- a- ser, sua doutrina metafísica fundamental.

Desse modo, a obra aristotélica versaria sobre uma única ciência que possui uma gama de assuntos em seu campo de atuação, de causas e princípios fundidos sob a caracterização de *maxime intellectualis*. Para Aquinate, se a metafísica é uma Teologia, somente trata do divino enquanto princípio daquilo que é o objeto próprio de tal saber, Deus não é objeto, somente através da Teologia Revelada teria propriamente competência para falar de Deus (OLIVEIRA, 2012). Analiticamente, a concepção sobre metafísica, atribui-se que:

A metafísica é a investigação da natureza das coisas e, portanto, suas questões centrais são questões eidíticas. Chamamos essa concepção de analítica porque para explicar a natureza de uma entidade, para dizer o que ela é, é preciso analisá-la, i.e., identificar certos elementos mais simples a partir dos quais a entidade em questão é de algum modo "construída". Assim, é natural ver uma questão eidítica como pedindo a definição de algum conceito e, conseqüentemente, é natural ver a metafísica, no presente sentido, como sendo a busca por "análises conceituais" (SANTOS, 2014, p.11)

Trata-se da passagem da potência ao ato, puro do movimento, do mundo, a razão de todo devir, daquilo que se move sem ser movido é o Deus puro, necessariamente à realização da sua natureza e forma, que se finda o seu bem, a sua felicidade e sua lei (HEIDEGGER, 2006 *apud* CASTRO, 2012). Na matriz estética fundada na noção de proporção relegado essencialmente para os aspectos do universo em seus aspectos físicos, metafísicos e estéticos, aludidos a uma harmonia e ordem, precisamente através da luz, elemento simples que proporciona a nobreza, propriedade transcendental (CASTRO, 2012).

Na observação e conhecimento da natureza e do que existe, São Tomás ao na perspectiva da metafísica, desenvolver suas consagradas vias para o conhecimento de um Ser Absoluto, que deixa seus vestígios, de modo análogo a pegadas, nos efeitos que guardam menor relação com ele; e deixa sua imagem – *imago Dei*, a metafísica se ocupa das coisas divinas, ontológica e intrinsecamente –, era o equilíbrio da razão e do ser humanos (CAMPOS, 2012).

Nesse sentido, chama Deus e raciocina em função das causas e efeitos, a qual a realidade material. A metafísica com base a antropologia culminava a especulação sistemática do pensamento no estudo do "ser enquanto ser" aristotélico em todas as áreas do saber, o ser é acessado na dimensão humana, ou das ideias/formas platônicas da realidade, em que o ser humano no centro filosófico simultaneamente, no seu ser, havendo uma infinidade de busca, nele se materializa o absoluto e contingente, a temporalidade e a eternidade, a limitação da queda (PIGNATARI, 2015).

Assim, é transcendente e a luminosidade gótica divina que difunde luz de contornos que criam e reconduzem a totalidade dos seres partindo dessa luminosidade na contemplação da arte que conduz a ao divino, a Deus (AFONSO,

2011). Sobre o pensamento da metafísica que se difunde pela luz, discute-se no próximo item a perspectiva de São Boaventura sobre a metafísica da luz.

4.2 Metafísica em São Boaventura: *Itinerarium Mentis in Deum*

O homem procede de Deus, retorna a Ele e somente realizará o seu destino através de Deus. Mas esse itinerário do homem reflete o próprio itinerário da vida existencial de Cristo, o Verbo de Deus. Assim, a alma humana, no pensamento bonaventuriano, gravita em torno de Cristo, que “existe em todas as criaturas com seu poder, sua essência e sua presença, sem ser, porém, circunscrito por nenhuma delas (BELEI, 2014).

A distinção da luz da luz divina a luz do fogo e da lua não estão na capacidade dos olhos, do mesmo modo, que a existência de Deus para nós não existe provas, em si, Deus é como luz suprema, é sumamente cognoscível que completa o nosso intelecto.

A luz não é apenas uma realidade física ou intrafísica, vocacionada a iluminar as realidades materiais e a superar mesmo as suas aparentes oposições formais ou substanciais. Enquanto forma substancial, ela possui uma dimensão metafísica que é a origem de toda a sua dimensão expressiva: “A luz é a natureza comum que se encontra em qualquer corpo, seja celeste, seja terrestre... A luz é a forma substancial dos corpos, que possuem tanto mais real e dignamente o ser quanto mais participam dela”. Proximidade da luz é, pois, proximidade do ser e, nesse sentido, a própria beleza que dela decorre é não só beleza física, mas o mundo da metafísica com o mundo material (CASTRO, 2012, p.357).

Para Boaventura o Doutor Seráfico vem a distinguir a sua posição sobre a possibilidade humana de conhecimento do divino, Deus está no pensamento, mas o pensamento não é Deus. Ora, que a referência ao divino se encontra de algum modo presente na estrutura e funcionamento do intelecto humano, como possibilidade do homem conhecer e dizer Deus “superior” como que inere e excede o “inferior” (MARTINS, 2009, p.14).

Para São Boaventura, o *Itinerarium Mentis in Deum* “designa a parte superior do espírito, precisamente aquela na qual se encontra a imagem de Deus”.

seguindo Santo Agostinho, compreende que a alma humana é dividida em duas partes: inferior ligada ao mundo sensível e superior, porção mais nobre da alma, que permite conhecer e amar a Deus (BELEI, 2014).

A resposta está na própria metafísica boaventuriana de herança agostiniana, historicamente em contraste com a tomásica/aristotélica. Mais especificamente, na idéia do ser. No *Itinerarium*³⁰, o ser divino não somente é o primeiro conhecido (em concordância, aqui, com Santo Tomás e os medievais em sua maioria), mas também a própria realidade percebida/ intuída no ser, o qual traz o real como um todo, pois não se pensa qualquer coisa do real que não o seja no (em-o; possibilitado pelo) ser divino (PIGNATARI, 2015, p.82)

De tal modo, o Itinerário da Mente para a Luz, trata-se do imaginário subjacente à atividade mental do ser humano, que estrutura as coisas sensíveis que são objetos comuns dos sentidos, é entendido por meio da alma. Na tese criacionista de São Boaventura, ao retomar o filósofo Platão, a causa são as ideias.

Assim situa o seu paradigma na proximidade da estética platônica — e suas revisitações neoplatônicas, o silêncio da memória em consonância ao princípio estético que é princípio de continuidade metafísica, que incorpora a estética do número, da luz e do símbolo, concebendo-a de pessoal e intransmissível, a eclosão/desvelamento do conhecimento reveladas pela Luz e pelo fogo (RODRIGUES, 2012). Para São Boaventura,

O dom místico e secretíssimo que ninguém conhece, sendo quem o recebe. Nem o recebe, senão quem o deseja. Nem o deseja, senão quem está inflamado profundamente pelo fogo do Espírito Santo que Jesus Cristo enviou para terra (SÃO BOAVENTURA, 2012).

Na filosofia a metafísica de Boaventura, no compasso binário do processão / conversão que a linhagem neoplatônica foi perpetuando, desenha um movimento ondulatório de descida criadora e relevamento redentor da luz divina”, “da luminosidade cósmica”, “da resplandecência humana” (AFONSO, 2011).

Nesse sentido, para conhecer as causas primária da coisa, a metafísica favorece a aproximação do homem com a natureza adquirindo por meio da física a noção de distância e profundidade, mas o verdadeiro entendimento da

contemplação não passa por nenhuma delas, o fato de Deus ser considerado como o primeiro inteligível significa que Ele, ao criar o homem como seu semelhante, deu-lhe a inteligência e a possibilidade de desenvolvê-la.

Nas palavras de São Boaventura, o ser não se pode inteccionar se não for pelo próprio ser, em ato designado pelo próprio ato puro de ser, através da inteligência, que conhece a existência que é divina, pois não é particular, e possui o mínimo de realidade, trata-se de uma existência reduzida, misturada com limite, e não é análoga (SÃO BOAVENTURA, Itinerário da mente para Deus, V, 3. 1985).

Mas, se a inteligência era uma iluminação divina, desenvolvê-la, o único caminho a ser seguido pelo homem era o dos ensinamentos divinos e ter uma vida terrena pautada nos ensinamentos da Teologia, única ciência que conseguia entender e explicar a importância das demais e, assim, fundamentar o conhecimento e elevar a inteligência pela fé (PERIN, 2010).

Boaventura defende a finalidade intrínseca de todas as criaturas, na simplicidade divina como fundamento metafísico da multiplicidade dos seres e variedade de seres a partir da suma bondade divina. Deus, ao comunicar-se para fora, faz com que cada coisa particular só expresse parte dessa infinita bondade, uma vez que cada ser é limitado.

Essa é, portanto, a razão última da criação dos seres, ou seja, a vocação ontológica de cada e todos os seres, testemunhando a bondade de Deus (REVISTA SÃO BOAVENTURA, 2011). O conhecimento possibilita um entendimento sobre as consequências que podem ocorrer pela ação humana, é imprescindível para o conhecimento o desenvolvimento da inteligência com base nos ensinamentos divinos, para descobrir através do raciocínio, crença e contemplação dos diferentes seres que compõem o mundo, a finalidade de cada um com responsabilidade de conduzir suas vidas de modo ordenado sem prejudicar o outro (PERIN; MENDES, 2017).

O conhecimento sensitivo do lume filosófico encontra-se abaixo das Escrituras, no pensamento de Boaventura é cristocêntrico e a metafísica que não favoreça tal cristocentrismo não pode encontrar íntegra acolhida e compreensão de toda realidade, que não tenha, no Cristo, a imagem de Deus é enfocada em

perspectiva metafísica e ética e uma clara hierarquia na criação, toda ela cheia dos vestígios divinos (VASCONCELLOS, 2012).

Por esta razão, em conformidade com a verdade das palavras, coisas e costumes, utiliza a filosofia racional. A filosofia para São Boaventura divide-se em natural, moral e física. Para ele toda Filosofia, com efeito, natural divide-se em metafísica, matemática e física. A metafísica ocupa-se das essências das coisas, princípio - O pai, a matemática, dos números e das figuras conduz a imagem - o filho, enquanto a física, das substâncias, forças e energias, ao Dom do Pai e do Filho - o Espírito Santo (SÃO BOAVENTURA,).

Assim, uma filosofia natural, a matemática a racional que nos leva à sabedoria do Verbo e a física a moral fornece as normas duma vida honesta - e nos conduz à bondade do Espírito Santo. "A irradiação da inteligência humana dava ao homem o poder de conhecer a realidade ou a verdade das coisas, favorecida pela Santíssima Trindade, no intelecto por meio do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (BONAVENTURE, 1991, p. 174).

Como responsável pela ordem da vida o Espírito Santo compunha os três elementos a Trindade.

A ordem, a origem e a mútua relação dessas três, faculdades nos conduzem até a própria Santíssima Trindade. – Efetivamente, da memória nasce a inteligência, que é como sua filha, porque entendemos só quando a imagem do objeto conservado pela memória se reflete na inteligência. Essa imagem torna-se então, verbo. Da memória e da inteligência é espirado no amor como nexos que unifica as duas (SÃO BOAVENTURA, 2012, p. 37).

Assim, no uso do intelecto se chega à verdade, por meio da metafísica, da matemática e da física, explicam-se a ordem de viver, o caminho da as vidas, da luz da alma, das coisas, das palavras e dos comportamentos, estabelecendo o que é certo e o errado (PERIN, OLIVEIRA, 2008).

O movimento da metafísica trata-se da crise do espírito, que ao expirar na lenta morte vão perdendo vigor, uma imensa pressão sofrida pelo ser humano no campo da ação cotidiana compele a reduzir todos os parâmetros de seu agir, no saber, os valores acabam sendo fragmentados, na formação do ser humano, se

medem os valores éticos, estéticos e religiosos (REVISTA SÃO BOAVENTURA, 2011)

Boaventura todo e qualquer conhecimento é devidamente compreendido se for conforme a ordenação e ensinamentos do Senhor, os sentidos são portas de entrada do conhecimento, e desempenham, então, a função de conhecer para depois crer por meio da fé (PERIN; MENDES, 2017).

Os sentidos, para São Boaventura, revelam ao homem que aquilo que não se vê, embora exista, pode ser conhecido por ele, as coisas materiais não entram pelos sentidos, mas suas imagens e semelhanças é que são captadas e transmitidas aos sentidos externos, que, na sequência, revelam a sua existência, quando analisadas pelo intelecto (BOAVENTURA, 1983).

Através dos sentidos, o homem analisa o objeto e o vê, concretizado pela alma que leva a uma reflexão por meio do intelecto e ao entendimento do abstrato, do movimento do corpo, o conhecimento da causa é induzido por meio do conhecimento das substâncias espirituais (BOAVENTURA, 1983).

Pelos sentidos, pode-se perceber as coisas sensíveis, a luz, ao som, sabor, ao tato, mas também, as coisas sensíveis que são o objeto comum a muitos sentidos, daí percebemos o próprio testemunho da luz, mensageira da verdadeira paz, portadora do sinal da paz, salvação e aliança com Deus, em imagem e semelhança (SÃO BOAVENTURA).

Para Boaventura o primeiro princípio é Deus e a metafísica é a plenitude fontal dos seres para chegar à causa suprema dos seres, e tal causa é a palavra criadora de Deus. O caminho do pensamento matricial, da interioridade agostiniana.

Em síntese ao fundamento no *Itinerarium* e na metafísica de cunho aristotélico para desvelar o ser e sua existência, a filosofia seráfica de Boaventura, a busca humana como *Itinerarium*, abarca o real a perfazer-se no divino, de conhecimento iniciado, realizado e consumado em Deus, perene à intimidade, na iluminação da luz que permite reconhecer e significar a contingência (PIGNATARI, 2009).

Na obra o *Itinerário da mente para Deus* aprecia-se a habilidade de São Boaventura no alcance dos próprios elementos, articulados a outros elementos, de

outras correntes filosóficas, na mística da consumação do ser contingente no ser absoluto o *Itinerarium* mostra-se como o escrito da totalidade e da plenitude por excelência.

Na síntese de Boaventura direcionado a meta última do destino humano a união com Deus, pelo *Itinerarium mentis in Deum*, aprofundada em uma experiência, que tem como meta final alcançar a Deus, até a imersão do interior para o transcendente na vivência com Deus em todo ensinamento e conhecimento convertida em mística (BELEI, 2006).

Tendo a mística o movimento capaz de intercambiar a Teologia e a Filosofia, que garante a mediação entre o conhecimento filosófico e teológico. o conhecimento não é inato, e a similitude com Deus não assegura identidade idêntica e garante apenas a noção de *Imago Dei* reconhecendo a pessoa humana como distinta e digna diante dos demais seres criados (sombras, vestígios, sinais) e partindo da concepção de que o homem, em termos de conhecimento, é possibilidade e capacidade infinita, *Capax Dei*, e que pode ser interpretada como a possibilidade ilimitada que, no ato da criação, Deus conferiu ao ser humano para conhecer tudo (RODRIGUES, 2013).

No entanto, a alma humana é mens não por força própria, mas por obra de Deus, que a torna *Capax Dei* (capaz de Deus). Portanto, é a mens que, guiada pela luz da verdade divina, completa seu itinerário até Deus (BELEI, 2014). Assim, inaugura-se a relação com a natureza de inspiração metafísica e uma ontologia imanente a todos os seres deixa de fazer sentido.

Diante da natureza metafísica, para São Boaventura se torna matriz de toda a criação artística a través de uma só expressão a verdade divina se expressa em si mesma e a tudo, onde a Arte suprema, de Deus Pai criador do universo e criador do exemplar perfeito, do arquétipo de toda a criação, Jesus Cristo (CASTRO, 2012, p.357).

O próprio homem é a parte mais sublime a partir de uma atitude antropológica de total receptividade, perante a Vontade e Onnipotência do Criador e a dádiva da Criação (CASTRO, 2012). A metafísica em São Boaventura o Santo que a verdade pode convir a Deus como propriedade essencial indissociável da essência e, portanto, inseparável da existência no "argumento ontológico", a

unidade divina de essência ou de natureza se compreende segundo um tríplice suposição: a “simplicidade”, a “concepção universal do espírito de que Deus é o que de maior não pode pensar-se”; e a “razão de estado” (MARTINS, 2009).

O conhecimento sapiencial ou iluminativo, o homem apreende e entende os sinais e vestígios do Criador, ao perceber a distinção entre vestígios, imagens e sinais, reconhece-se como imagem que é capaz de reconhecer as imagens impressas e expressas no mundo criado, capaz de perceber a real e intencional presença-ausente do Criador em tudo o que existe, mas para isso, carece de um complemento da fé, que permita o humano ver além da *physis*, além do natural (RODRIGUES, 2013).

Através da observação e da exploração de determinados fenômenos, eles buscavam refletir acerca da origem (*arkhé*) do mundo e do seu movimento. Ao agirem assim, estavam entrando intrinsecamente no problema ontológico que se prolongou nas épocas posteriores. Vale lembrar para esta questão que o significado da palavra grega *physis* não possui nenhuma relação com a moderna concepção de física. Werner Jaeger discute que o interesse da *physis* encontra-se muito mais associado ao que em “nossa linguagem corrente denominamos de metafísica”. Isto nos possibilita perceber que, de acordo com Jaeger, os pensadores naturalistas ao se preocuparem com o problema da origem tomavam a palavra *physis* em seu sentido originário, ou seja, enquanto nascimento, causa primeira. A metafísica, porém, acabou por promover a essencialização da *physis* e do Logos, convertendo-os em “idéia” e “enunciado”, respectivamente (OLIVEIRA, 2012, p.34).

observação e da exploração do movimento de reflexão origina-se a *physis* denominada de metafísica de causa primeira. A sabedoria do Verbo metafísico, trata da causa exemplar adequada a explicação para todos os seres, imagens ou exemplados” a imagem do ser, Deus contém em si, por ser a causa exemplar, a multiplicidade de todas as realidades, mas tudo o que passa a existir, é criado no tempo, faz história, mas não pode, por natureza, atingir a condição maior do que ser imagem, semelhança, vestígio ou pegada do verdadeiro ser (RODRIGUES, 2021).

“A metafísica consiste no conhecimento único, elevada dos princípios das substâncias criadas pelo Supremo, com meio em cristo, passa pelo Supremo e retorna ao Supremo” (BOAVENTURA apud DE BONI, 1999, p. 38-39). Assim, a metafísica de Boaventura, se inscreve enquanto filosofia da sensação,

eminentemente espiritual, e não sensível da filosofia do belo integrada no campo da estética, fomentando linhas de pensamento a filosofia da beleza, que permeia a metafísica, constituindo-se como sua dimensão intrínseca e envolvendo-se intimamente nas perscrutações da realidade última e do posicionamento do homem perante o mundo e o seu destino (AFONSO, 2011). De acordo com São Boaventura,

De igual modo, a imagem das coisas sensíveis que nos agrada, porque é bela, suave e salutar, insinua que essa primeira Imagem do Pai é a beleza, a suavidade e a salubridade por excelência. Que ela possui uma proporção e uma igualdade perfeita com aquele que gera. Que ela frui duma virtude real – e não imaginária – que expande. Que por fim, a impressão que produz sobre nós é salutar e plena, capaz de satisfazer todos os nossos desejos (SÃO BOAVENTURA, 2012, p. 18).

A razão humana é fundamental para a busca da verdade, o intelecto agente é a luz que ilumina, abstrai e purifica e o intelecto possível é o que recebe e assimila, de forma abstrata a ideia universal. Os vestígios como causalidade eficiente e suas imagens como causalidade exemplar são signos que apontam para uma realidade meta humana, que conduz o homem somente até às portas da mística e aí silencia, dando luz à graça (RODRIGUES, 2013).

Ora, da luz que sumamente se difunde à resplandecência que reverte o sentido descendente da iluminação e a reconduz à sua origem luzente, desenha Boaventura um círculo luminoso no qual se coordena e ritma toda a sua metafísica. Dessa maneira,

um significado transcendente e a luminosidade gótica torna-se expressão palpável de uma metafísica da luz de contornos pseudodionisianos, segundo a qual o universo procede de um fluxo primitivo e divino de luz que, num processo de difusão e espessamento, cria a totalidade dos seres e os reconduz de novo ao seu princípio a partir dessa mesma luminosidade deposta. Na suposição do brilho da obra enquanto rastro da Luz suprasensível, a contemplação da arte conduziria, então, ao vislumbamento da Divindade (AFONSO, 2011, p.82).

Entende-se que a metafísica da luminosidade se expressa de contornos que não se materializam concretamente material, mas conduz a totalidade do ser que conhece a Divindade, que compreende a existência de Deus em si. Com

feito, se Deus é o ser por excelência, é absolutamente primeiro. Por ser absolutamente primeiro, não foi feito por outro, nem muito menos por si mesmo. E, pois, eterno (SÃO BOAVENTURA, 2012).

São Boaventura vê em Deus a origem e o fim de todas as realidades, expressa, de uma forma conceitual, o ideal franciscano entende o mundo sensível como manifestação da divindade, para alcançar a Deus, com sua fé que ilumina os caminhos, o homem é efeito, imagem de criador do mundo, em sua razão de ser e viver, no itinerário a caminho e em direção a Deus (VASCONCELLOS, 2014). Nesse sentido, na realidade das coisas e do mundo sensível da luminosidade do ser, origina-se e finda-se em Deus, manifestando a divindade e plenitude contemplativa da verdade perante as criaturas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi explicitado no presente estudo sobre a metafísica da luz em São Boaventura, pode-se constatar na história de vida do estudioso, teólogo e filósofo franciscano São Boaventura na infância sofreu de enfermidade, curado por São Francisco de Assis após a promessa feita pela sua genitora, passou a ser devoto dos seus ensinamentos.

Quando adulto estudou na Escola de Frades em Pais, e ingressou na Ordem Franciscana, a qual desenvolveu seu estudo de ação e um místico. Com todo o conhecimento subordinado à Teologia, assumiu a linguagem e os exemplos divinos do intelecto humano, compreendendo o homem como obra do Criador.

Na Regra Franciscana ao Evangelho, estabeleceu pressupostos da perfeição evangélica, correspondeu a razão por meio da fé. Através da humildade e pobreza, contemplou a superabundante misericórdia divina de viver em conformidade com Cristo, o Franciscano São Boaventura foi um dos maiores representantes de São Francisco de Assis, homem que viveu no meio dos filhos deste mundo, e jamais se deixou levar pelo ardor das paixões ou se prendeu a dinheiro e às riquezas.

Assim compreendeu imediatamente o sentido da passagem e, em seu amor pela pobreza apostólica, pensa na maneira como pôr em execução a doutrina celestial e a misericórdia divina, ergueu do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da perfeição evangélica, digno de ser amado por Cristo crucificado pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo.

No pensamento Bonaventuriano entende que no processo de conhecimento humano ninguém pode chegar à contemplação sem uma meditação profunda, devemos orar e viver santamente, aplicar nosso espírito às belezas da verdade que nos elevar gradativamente, a montanha excelsa onde se vê o Deus sumo.

Na relação entre a Teologia como ciência da religião manteve relações que nem sempre foram harmônicas, mas o desafio da teologia em não ser "fagocitada" pela ciência da religião. No reencontro com o pensamento aristotélico, São Boaventura reconhece o objetivo de perseguir a vida e o testemunho de Francisco, pois sem a caridade todo o conhecimento é vão. Além disso, no seu pensamento as coisas e os seres do mundo são imagens ou cópias cuja doutrina exemplarista

acentua diferenças e semelhanças nas relações íntimas entre Deus e as criaturas. Bem como, considerou o conhecimento como uma das principais virtudes do homem, para ele a Sabedoria de Deus manifestada na Sagrada Escritura.

Ao assumir os exemplos e utilizar a linguagem pertencentes para conhecer e entender a palavra de Deus, obedeceu aos ensinamentos divinos, do sumo bem, elevado acima de nós, o qual temos necessidade de uma virtude superior, que tem como princípio a oração.

Assim, São Boaventura estabeleceu na relação entre a teologia e a filosofia equilíbrio e valores especulativos, percebeu as diferenças fundamentais entre a Filosofia e a Teologia. Atribuindo à Filosofia dentro da classificação das ciências, como graus de luz que descem de Deus e voltam para a Teologia.

E, no alcance do grau de conhecimento sapiencial sobre os sinais e vestígios do Criador, para ele quem profere a palavra assemelha-se ao Pai, o Verbo, exprime, ensinar e mover ao bem. E a teologia é a única ciência perfeita por ser sabedoria, se encontra entre o conhecimento especulativo e prático ordenada a despertar em nós a chama do amor divino. Enquanto a Filosofia necessita estar sujeita à Teologia que se *baseia* na fé e eleva o ser ao Espírito Santo.

Na percepção metafísica sob a perspectiva filosófica, que concebe o homem e o universo numa perspectiva cristã, mais especificamente, numa perspectiva franciscana para tornar o homem verdadeiramente sábio, somente pela graça de Cristo, o Verbo interior, é quem ilumina, eleva, amplia, purifica, a interioridade da alma.

No pensamento filosófico, a metafísica foi a filosofia primeira, para explicar a conexão das coisas numa unidade de "totalidade". Tese um sistema metafísico universal de sobrevivência sobre o tempo e espaço, transcendental, a metafísica é a investigação da natureza das coisas e possui análises conceituais na filosofia.

Em São Boaventura a metafísica da luz, por meio do *Itinerarium Mentis in Deum*, o ser divino como o primeiro conhecido pelo fogo do Espírito Santo que Jesus Cristo, nasce da conexão entre memória e da inteligência, aprofundada em uma experiência, que a imagem das coisas sensíveis por excelência possui uma proporção e uma igualdade perfeita com aquele que gera, num significado transcendente de contornos de luz que cria a totalidade dos seres e os reconduz de novo ao seu princípio a partir dessa mesma luminosidade, que tem como meta final alcançar a Deus, pelo itinerário que contempla o amor à Deus

REFERÊNCIAS

AFONSO, Filipa Maria Oliveira de Almeida. **Figuras da Luz uma Leitura Estética da Metafísica de São Boaventura**. 464 folhas (Tese de Doutorado em Filosofia Medieval). Universidade de Lisboa, LISBOA, 2011.

AGUIAR, Veronica Aparecida Silveira. **Boaventura de Bagnoregio e a Regra de 1223: alguns apontamentos sobre a disciplina da pobreza**. Maringá, v. 34, n. 1, p. 39-49, Jan.-June, 2012.

BAGNORÉGIO, Boaventura de. "Legenda Maior de São Francisco". In: SILVEIRA, Ildefonso (org). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Petrópolis – RJ: Vozes: 2002.

BELLEI, Ricardo José. **Cristo: o fundamento da interioridade no itinerarium mentis in deum, de são Boaventura**. Teocomunicação Porto Alegre v. 44 n. 2 p. 247-260 maio-ago. 2014.

BELLEI, Ricardo José. **A Questão da Interioridade no *Itinerarium Mentis in Deum* de São Boaventura**. 83 folhas. (Dissertação de Mestrado em Filosofia). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BERNARDI, Orlando. **Visão Franciscana da Vida e do Mundo**. *Cadernos do Ifan*, EDUSF. Bragança Paulista, n. 13, p. 58.1996.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Legenda maior** (Vida de São Francisco de Assis) São Boaventura. Primeira Parte. Prólogo. 1. A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo. 56. Disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1221-1274,_Bonaventura,_Legenda_Major_Sancti_Francisci,_PT.pdf.

BOAVENTURA, São. **Legenda Maior e Legenda Menor**; tradução Frei Romano Zaco, O.F.M. IN **Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Seleção e organização: Frei Ildefonso Silveira, O.F. M e Orlando dos Reis, traduções: Vida de São Francisco (I e II), Frei José Carlos Pedroso, O.F. M: Legenda dos Três Companheiros, Frei Roque Biscione, O.F.M./ 8ª edição, Petrópolis: Vozes, 1997.

BOAVENTURA. Carta sobre a imitação de Cristo. In: **Obras Escolhidas**. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.

CAMACHO. Voitor Mariano. **Os Frades Menores e a Cúria Romana na primeira metade do século XIII: Uma discussão historiográfica**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Ano 1 Número 2 Janeiro - Julho de 2012.

CAMARCHO, Victor Mariano. **A atividade intelectual no movimento franciscano durante o século XIII: uma análise das constituições de narbona**. Veredas da História, [online], v. 10, n. 2, p. 366-386, dez., 2017.

CAMPOS, Juliane Vasconcelos Almeida. **Resgate da Metafísica: uma resposta transcendental à crise do homem hodierno.** escritos / Medellín - Colombia / Vol. 20, N. 44 / pp. 021-045 enero-junio 2012.

CARVALHO, Mário Santiago de. **Exposição Metafísica do espaço-tempo imaginários em Pedro da Fonseca e Manuel de Góis.** Revista Filosófica de Coimbra vol. 29, n.º 57 (2020) ISSN: 0872 -0851 DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_57_6.

COSTA. Alex Silva. **A Fundação da Ordem dos Frades Menores no Séc. XIII: a ordem mendicante de São Francisco de Assis e suas influências na Idade Média Central, a escolha por São Boaventura.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

DI BONI, Luis Alberto. **Boaventura: filósofo, teólogo e místico.** [recurso eletrônico] / Luis Alberto De Boni -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. 268 p.

DI BONI, Luís Alberto. JERKOVIC, Jerônimo. **Boaventura de Bagnoregio.** Escritos Filosófico-Teológicos: v. I. Tradução Luís Alberto De Boni, Jerônimo Jerkovic. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

FABEL, Nachman. ***De Reductione Artium ad Theologiam*" de São Boaventura** (Continuação). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322605802_De_reductione_artium_ad_theologiam_de_Sao_Boaventura_II/link/5a62a1ae4585158bca4c5c54/download.

FONTANA, Júlio. **Teologia, ciência ou metafísica?** Revista Eletrônica Correlatio nº 14 - Dezembro de 2008.

GONÇALVES, JC. (1974) **S. Boaventura mestre da vida espiritual.** DIDASKAI.IA. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12377/1/V00402-265-276.pdf>.

MAGALHAES, Ana Paula Tavares. **Concepção da História em Boaventura (1221-1274): encarnação, franciscanismo e redenção.** Acta Scientiarum. Education Maringá, v. 34, n. 1, p. 29-37, Jan.-June, 2012

MARCONATTO, Arildo Luiz. **"Boaventura de Bagnoregio (1217/1221 - 1274)" em Só Filosofia.** Virtuosa Tecnologia da Informação, 2008-2021. Consultado em 02/09/2021 às 09:09. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=51.

MENDES, Claudinei Magno Magre. PERIN, Conceição Solange Bution. OLIVEIRA, Terezinha. **Um estudo sobre alguns dos ensinamentos realizados por Hugo de São Vitor e São Boaventura de Bagnoregio.** Interfaces Científicas - Educação • Aracaju • V.5 • N.3 • p.113 - 122 • Jun. 2017.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **São Boaventura e Aristóteles**. "Cadernos de História e Filosofia da Educação", FEUSP. (publ. orig. no Vol. IV (2001), Nº. 6, dos *Cadernos*).

OLIVEIRA, Juliano de Almeida. **Sobre o "objeto" da Metafísica: de Heidegger a Tomás de Aquino**. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre, Volume 04 - Número 10 - Ano 2012.

PERIN Conceição Solange Bution. Em tela um estudo do mestre franciscano são boaventura de bagnoregio: 'os três caminhos da vida espiritual, ou incêndio do amor' ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

PERIN, Conceição Solange Bution. **Boaventura e o Desenvolvimento do Intelecto no Século XIII**: um estudo de suas conferências. 2010, 230 p. (Tese Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2010.

PERIN, Conceição Solange Bution. OLIVEIRA, Terezinha. **Boaventura de Bagnoregio e o ensino filosófico teológico na universidade do Século XVIII**. 2016.

PERIN, Conceição Solange Bution. OLIVEIRA, Terezinha. **Boaventura e o debate sobre o intelecto no século XIII**. CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 9 set-dez 2011.

RODRIGUES, Ricardo Antônio. **Teoria do Conhecimento em São Boaventura**. *Thaumazein*, Santa Maria- RS, Ano V, Número 11, p.101-118, julho de 2013.

SANTIAGO, Viviane Paes. PERIN, Conceição Solange Bution. **Um estudo sobre São Boaventura de Bagnoregio**. Anais da Jornada 2011. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/post/04012.pdf>.

SANTOS, João Branquinho e Ricardo. **O Que é a Metafísica?** Edição do Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Lisboa Copyright. 2014. Disponível em: repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18449/1/santos_p_2014_o_que_e_a_metafisica.pdf

PIGNATARI, Deus Quaerens **Introdução à metafísica da interioridade de Santo Agostinho nas leituras de São Boaventura e Heidegger**. 1ª edição - Edições Fons Sapientiae, 2015.

SÃO BOAVENTURA. Brevilóquio. In: **Obras Escolhidas**. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.

SÃO BOAVENTURA. Cristo, único Mestre de Todos. In: **Obras Escolhidas**. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985. 226

SÃO BOAVENTURA. **Itinerário da Mente para Deus**. Tradução Jeronimo Jerkovic. Editora Vozes, São Paulo, 2012.

SÃO BOAVENTURA. **Legenda Maior e Legenda Menor**: vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1979.

STEIN, Ernildo Stein. **“Que é Metafísica?”**. Versão eletrônica do livro. Tradução: Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

TAVARES, Ana Paula. **A Teologia de Boaventura e a construção da discussão sobre a Pobreza na Universidade Medieval**. 2009. Disponível em: [magalhãeshttp://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/42.pdf](http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/42.pdf).

VASCONCELLOS, Manoel. **O Problema do Mal**: a interpretação de São Boaventura. *The Veritas*, v. 57, n. 3, set./dez. 2012, p. 163-188.

VASCONCELLOS, Manoel. **Filosofia Medieval**: Uma breve introdução [recurso eletrônico] / Manoel Vasconcellos- Pelotas: NEPFIL online, 2014. 118 p. – (Série Dissertatio-Incipientes).

ZAROMSKI, Leonardo Rafael de Araújo. **Pobreza, Obediência e Castidade na Ótica de São Boaventura**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia Orientador: Prof. Dr. Manoel Vasconcellos Pelotas, 2018. Disponível em http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5611/1/Leonardo%20Rafael%20de%20Araujo%20Zaromski_Dissertacao.pdf.> Acesso em out. 2021.